

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS-PUC-GO**

**Wanderleia Silva Nogueira**

**A FESTA DE FOLIA DE REIS EM QUIRINÓPOLIS: LUGAR DE MEMÓRIA  
1918-2010**

**GOIÂNIA, MARÇO DE 2011**

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS-PUC-GO**

**Wanderleia Silva Nogueira**

**A FESTA DE FOLIA DE REIS EM QUIRINÓPOLIS: LUGAR DE MEMÓRIA  
1918-2010**

Dissertação apresentada para o programa de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), como requisito para o grau de mestre em História, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo José Reinato.

**Linha de pesquisa: poder e representações.**

**GOIÂNIA, MARÇO DE 2011**

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS-PUC-GO  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**WANDERLEIA SILVA NOGUEIRA**

**A FESTA DE FOLIA DE REIS EM QUIRINÓPOLIS: LUGAR DE MEMÓRIA  
1918-2010**

Dissertação submetida à comissão examinadora designada para avaliação como requisito para obtenção do grau de mestre em História.

**AVALIADORES**

---

Prof. Dr. Eduardo José Reinato  
(PUC-GO)  
ORIENTADOR

---

Profa. Dra. Heliane Prudente Nunes  
(PUC-GO)  
EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Heloísa Selma Fernandes Capel  
(UFG-GO)  
EXAMINADORA

**GOIÂNIA, MARÇO DE 2011**

*Aos três anjos da minha vida Gildo, Gildo Filho e Pedro Henrique.  
À memória de meus pais e da Marcella que em sua dor entremeada de fé nos fez  
repensar a vida.  
Aos meus irmãos que com certeza torcem por mim e são companheiros fiéis.*

## AGRADECIMENTOS

*A Deus e aos Santos Reis.*

*Ao meu esposo Gildo Gonçalves da Silva que nos últimos 2 anos tem dividido comigo as tarefas do lar, assim permitindo maior dedicação aos meus estudos.*

*Aos meus filhos Gildo Gonçalves da Silva Filho e Pedro Henrique Nogueira Gonçalves pelo amor, força e paciência.*

*De uma forma muito especial ao meu orientador prof. Dr. Eduardo José Reinato que nestes últimos 2 anos acreditou em mim, estimulou-me a crescer por meio de uma leitura segura, bem como sua crítica permanente. Você ensinou-me a exercer a tarefa de historiador pelo seu profissionalismo.*

*Aos professores Heloisa Capel, Eduardo Jorge, Eduardo Quadros, Maria do Espírito Santo e Heliane Prudente, pelo carinho.*

*À Flavia, Mauro, Paracy que dividiram comigo a ansiedade do mestrado, pelas idas e vindas de Goiânia, momentos de dúvidas, angústias e tensões características do trabalho intelectual.*

*Não poderíamos esquecer todos os capitães de Folia de Reis, evidenciando, com carinho, os senhores, Horton José Ferreira (Nego Tulica), Lauro Campos, Paulo Benedito da Silva e os foliões Zé Pamilondas, Valdir, Antonio, Sebastião, Manoel, os quais despojadamente relataram suas vivências pessoais, sabedoria e fé.*

*Registro, ainda, as histórias de vida gravada dos devotos a Santos Reis Teodora, Vicensa Andrade, José Lazaro Nogueira, Maria Aparecida Neves (Vitinha), Sebastião Vitorino, Waldemar Barcelo Vitorino, José Cassiano.*

*A UEG, pela oportunidade.*

*A PUC-GO, pela recepção.*

*Por fim, o apoio financeiro que custeou esta pesquisa por meio de bolsa de estudo da FAPEG.*

*Em nome de Deus começo esta abençoada hora  
Em nome de Deus começo esta abençoada hora ai...ai...ai...*

*A oração dos Três Reis Santos, São José e Nossa Senhora  
A oração dos Três Reis Santos, São José e Nossa Senhora ai...ai...ai*

*Eu recebo os Santos Reis com meu joelho ao chão  
Eu recebo os Santos Reis com meu joelho ao chão ai..ai...ai..aiiii*

*Com sinal da santa cruz eu peço a sua benção ai..ai..ai..aiiii*

*Os três Reis são, rei Belchior, rei Gaspar e Baltazar aaaaiiii*

*Nós Já fomos abençoados, agora vamos levantar  
Nós Já fomos abençoados, agora vamos levantar aaaaiiii*

*Um lindo rosário vou saldar nesse momento  
Um lindo rosário vou saldar nesse momento ai...ai..ai..aiiii*

*Salve salve o catecismo e também os dez mandamentos ai...ai..aiiii*

*Glória seja ao pai, glória seja ao filho, glória ao Espírito Santo , e seu amor também  
Glória seja ao pai, glória seja ao filho, glória ao Espírito Santo , e seu amor também  
eeeemmmm*

*Ele é um só Deus pessoas três agora em sempre e sempre amém  
Ele é um só Deus pessoas três agora em sempre e sempre amém eeeeemmmm*

*Já saldei o terço bento, agora vamos viajar  
Já saldei o terço bento, agora vamos viajar ai..ai...ai..aiiii*

*Vamos sair nós pelo mundo e os devotos visitar ai...ai..ai...aiiii*

*Oração dos três Reis Santos. Lauro Campos (Capitão de folia de Quirinópolis).*

## RESUMO

Esta é uma dissertação de final de curso intitulada *A Festa de Folia de Reis em Quirinópolis: Lugar de memória 1918-2010*. Apresentada ao curso de Mestrado da PUC-Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Trata-se de um trabalho de História Cultural cujo objeto de investigação é o lugar de memória da Festa Folia de Reis e objetiva perceber as mudanças ocorridas nas práticas e representações culturais dessa região em decorrência do seu desenvolvimento econômico e social. Como modelo empírico desta análise foi escolhida a região da Pedra Lisa, a qual evidencia a riqueza das práticas culturais e religiosas ainda “intocadas” pelo trabalho científico em Quirinópolis. O trabalho almeja compreender a Folia de Reis por meio de suas características de performance e símbolos, como seus elementos permanecem na memória e suas possíveis mudanças. Por outro lado, este trabalho pretende, ainda, examinar a festa estudada como significativo instrumento que ultrapassou os limites do passado, assim confirmando a hipótese de que a festa é um lugar de memória demarcado a partir das práticas e representações inerentes a cultura marcada pela religiosidade popular. Apresenta imagens imagéticas por meio da fotografia como elemento de sustentação das tradições mantidas pela oralidade. Esta pesquisa se sustenta a partir de levantamento bibliográfico conservando sempre a perspectiva dos conceitos principais de memória, performance e cotidiano e abarca, sobretudo, diversos aspectos da cultura popular, especificamente no que tange à prática da religiosidade popular enquanto expressão dessa cultura.

Palavras-chave: Memória. Festa. Folia de Reis. Religiosidade popular.

## **ABSTRACT**

This is a final year dissertation entitled *The Feast of Epiphany Festival in Quirinópolis: Place of Memory 1918-2010*. Presented to the Masters course at PUC- Pontifical Catholic University of Goias This is a work of cultural history whose object of investigation Memory is the place of the Feast Epiphany Festival and objective perceive the changes in the practices and cultural representations of this region due to its economic and social development. As a model empirical analysis of this region was chosen Stone Lisa, which show the richness of cultural practices and religious still "untouched" by the scientific work in Quirinópolis. The work aims to understand Epiphany Festival through their performance characteristics and symbols, as its elements remain in memory and their possible changes. Moreover, this work also intends to examine the party studied as significant instrument that exceeded the limits of past, thus confirming the hypothesis that the party is a place of memory demarcated from the practices and representations inherent culture marked by popular religiosity. It displays images by imageticas using photography as an element of support maintained by oral traditions. This research claims from literature always keeping the perspective of the key concepts memory, performance and daily and covers mainly various aspects of popular culture, specifically in With respect to the practice of popular religiosity as expression of that culture.

Keywords: Memory. Party. Epiphany Festival. Popular religiosity.



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA01: Mapa do Município de Quirinópolis-GO.....	84
---	----

## LISTA DE FOTOS

FOTO 01	A Festa de Reis na região do Paredão em Quirinópolis - GO – 1979.....	53
FOTO 02:	Festa de Folia de Reis de 1979, região do Paredão.....	54
FOTO 03:	Arco da festa de Santos Reis - Região da Pedra Lisa de 2011.....	55
FOTO 04:	Altar da festa de Santos Reis - Região da Pedra Lisa de 2011.....	56
FOTO 05:	Folia com o palhaço a frente capitaneada pelo Sr. Paulo da Silva - festa na Região da Sete Lagoas.....	57
FOTO 06:	Rei e rainha, príncipe e princesa festa folia de Santos Reis - região da Pedra Lisa 2011.....	58
FOTO 07:	Chegada da Folia na Fazenda Paredão em 1979.....	59
FOTO 08:	Detalhe da entrada da Folia no "Espaço Sagrado" da Festa de Santos Reis em 1979.....	63
FOTO 09:	O caminho percorrido pela Bandeira na Festa na região do Paredão em 1979.....	65
FOTO 10:	A Bandeira chegando ao Altar da Festa na região do Paredão em Quirinópolis em 1979.....	66
FOTO 11:	Foliões da Festa de Santos Reis na região do Paredão em 1979	67
FOTO 12:	Encontro da Folia de Reis em procissão na Festa de 1979.....	68
FOTO 13:	Altar da Festa de Folia de Reis da região do Paredão em 1979...	71
FOTO 14:	Comemoração na Festa de Reis na região do Paredão, "O lado profano" em 1979.....	72
FOTO 15:	A "rainha" da festa e seus familiares em momento de confraternização da festa.....	73

FOTO 16:	Estola e Bandeira usada pelo primeiro Capitão de Folia de Santos Reis – Região Pedra Lisa.....	86
FOTO 17:	Bandeira das duas Folias no presépio no dia da saída da Folia....	87
FOTO 18:	Confraternização após a oração do terço na saída da Folia.....	87
FOTO 19:	Foliões entrando na Kombi e indo para outro local.....	90
FOTO 20:	Foliões chegando para o almoço.....	91
FOTO 21:	Momento de oração para o jantar.....	92
FOTO 22:	Bandeira da Folia da Pedra Lisa.....	93
FOTO 23:	Capitão da Folia com a Estola durante entrevista.....	95
FOTO 24:	Mantimentos e utensílios ganhados e estocados para a festa.....	98
FOTO 25:	Local da festa (Venda do Zé Major) e ao fundo o céu demonstrando a chegada da chuva.....	99
FOTO 26:	Jantar na festa de Folia de Santos Reis – Pedra Lisa -2011.....	99
FOTO 27:	Chegada no primeiro arco.....	100
FOTO 28:	Imagem da cantoria no segundo arco.....	101
FOTO 29:	Imagem parcial do altar.....	102
FOTO 30:	Folia capitaneada por Lauro Campos.....	103
FOTO 31:	Foliões da Folia de Reis: sem palhaço.....	105
FOTO 32:	Máscara do palhaço.....	105
FOTO 33:	A Folia fazendo o giro. Ultimo Palhaço- Sr. Antonio Justino Xavier	106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 CULTURA POPULAR: SUJEITOS, SABERES E PRÁTICAS.....</b>	<b>18</b>
1.1 O rural e a memória: uma associação histórica.....	24
1.2 Face e interface: memória, religião e história.....	27
1.3 A ocupação e a cidade: a teia do discurso.....	30
1.4 O rural e suas práticas e costumes.....	35
<b>2 RELIGIÃO POPULAR: O LUGAR DA MEMÓRIA QUIRINOPOLITANA.....</b>	<b>39</b>
2.1 A memória e seus lugares.....	40
2.2 Religiosidade e expressão cultural: a sacralização do cotidiano.....	43
2.3 A Folia de Reis e sua performance: um bem cultural.....	46
2.4 Uma leitura sobre a Festa.....	54
2.5 A performance da festa e a iconografia.....	64
<b>3 ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: RITUAIS E PRÁTICAS DA FOLIA DE REIS DA PEDRA LISA.....</b>	<b>74</b>
3.1 - A Ressignificação da Folia de Reis Quirinopolitana.....	74
3.2 - Folia de Reis: uma devoção demarcada – a região da Pedra Lisa.....	83
3.2.1 - O almoço e o jantar.....	90
3.2.2 - Símbolos e Rituais.....	92
3.2.3 - A festa.....	96
3.3- Algumas considerações sobre a Folia de Reis.....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>110</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto das inquietações e necessidade de se efetuar uma compreensão acerca das manifestações culturais da região de Quirinópolis, Estado de Goiás. A partir das observações das características culturais da região, principalmente com o advento da urbanidade, diversos aspectos culturais assumem características que vão se modificando com o passar dos anos. Dentre os aspectos da cultura quirinopolitana pode-se destacar a prática da Folia de Reis, importante manifestação cultural, social e, sobretudo, uma manifestação capaz de trazer para o extraordinário as questões que estão implícitas no ordinário da vida.

A cultura permeia todos os aspectos do ser humano e por meio dela se pode compreender o jeito de ver e ser do homem. Estudar a cultura e suas representações é engendrar no universo cotidiano do ser humano e desvendar, mediante as práticas, a construção existente no dia-a-dia seja via gestos, linguagens, festa ou religiosidade.

Embora a definição de cultura engendre por diversas definições ainda não comungadas pelos estudiosos é preciso saber que ela abarca as mais variadas formas de vivência dos atores sociais por meio de suas práticas e representações. Cultura popular permite analisar as práticas dos sujeitos sociais e saber a que ponto se permeiam seus referenciais de vida, bem como as suas performances enquanto participantes do jogo em curso na vida por meio das estratégias e táticas.

As práticas da cultura popular não podem ser emolduradas, mas são enraizadas na tradição e no significado particular de cada uma delas. As práticas da cultura popular, o mundo e seus acontecimentos possibilitam significados dentro do cotidiano humano que passam a viver no limiar entre o ordinário e o extraordinário. As culturas bem como suas práticas só existem a partir de seus significados para os sujeitos sociais que as vivencia e delas traz suas experiências.

O termo cultura, como já dito, é muito abrangente e refere-se a diversos aspectos da sociedade, caracterizando-a e classificando-a. O termo refere-se a aspectos como o viver no dia-a-dia, o festejar, a labuta diária, os sofrimentos, bem como a fé e as expressões sociais. Esses aspectos a cada dia tornam-se tema amplamente discutido entre historiadores, antropólogos e sociólogos, uma vez que por meio da história da cultura pode-se perceber as mudanças ocorridas na

sociedade, bem como as diversidades existentes na mesma. Por essas mudanças e diversidade vê-se justificada a necessidade de compreender e estudar a cultura a partir de sua construção social fazendo uma releitura do cotidiano dos indivíduos.

Ao longo dos anos a cultura popular tem sido estudada por diversos autores como um espaço múltiplo onde se encontram as resistências e práticas da sociedade. Dentro desta perspectiva podem-se analisar as resistências, estratégias e táticas que estão inseridas no contexto cotidiano do indivíduo. Muitos autores remetem a uma cultura popular a partir da contraposição entre dominados e dominadores. Muitos outros a percebe como manifestação da vida do dia-a-dia do indivíduo apresentando-a como representação das classes populares, a partir de uma despolitização.

Grande parte dos estudos nos remete à dicotomia existente entre a cultura popular e a erudita, no entanto a compreensão desta dicotomia passa por diversas interpretações, portanto cabe compreender estas duas categorias como indesevináveis e caminham conjuntamente.

Cabe ao historiador então compreender as variações em que estas estão envolvidas, bem como as suas práticas e o seu tempo histórico. Cabe também uma reflexão sobre as suas interposições na sociedade, as criações e recriações que estas duas categorias realizam no meio social ao qual estão vinculadas. Estas duas categorias, cultura popular e erudita, qualificam e quantificam as expressões dos indivíduos, mas não se findam em seus próprios limites, mas se completam e, evidentemente, nada significa uma sem a outra.

Para o estudo da cultura popular é necessário estar atento aos significados e símbolos, uma vez que seus códigos permeiam toda a contextualização cotidiana da vivência popular. Os sujeitos sociais estão dentro dos limites e das possibilidades dos estudos culturais, habitam seu tempo histórico, bem como seu espaço geográfico. A análise deve passar pelo modo de vida do indivíduo que, embora tenha um modo de vida requintado, racional e, sobretudo as práticas inerentes à cultura popular perpassam todo o cotidiano do ser humano. Podem ser inclusos hábitos regulares e corriqueiros como as comidas, superstições, ditados populares, remédios caseiros, credices e a própria fé popular. No entanto, muito do que diz respeito à cultura popular é visto com descaso por muitos estudiosos e mesmo pelas camadas populares por se relacionar ao fazer das classes consideradas menos desprovidas de recursos e saber.

A cultura popular pode ser compreendida, também, como as formas de expressão das experiências das classes sociais. Não se pode considerar, no entanto, a cultura popular como um nível ideológico ou mesmo uma categoria de estudos isolada e formadora de ideologia e pensamento, isso porque a cultura passa a ser não somente o âmbito da simbologia que se encontra em um tempo e em um espaço, mas sim a expressão da vida popular e do cotidiano expressado.

Não se pode deixar de considerar que os aspectos da cultura popular estão impregnados pelos aspectos do cotidiano, do fazer do dia-a-dia, bem como as lutas sociais existentes no meio social e que são protagonizadas pelos atores sociais.

As práticas culturais populares estão inseridas em um contexto e em uma época, nos quais há várias relações sejam elas de cunho econômico ou social que, obviamente, influenciam os processos culturais. A cultura está inserida em um contexto de relações sociais que abarca diversas relações desde as questões de dominação e influência econômica até o lazer, as crenças e o festar.

É preciso ressaltar que somos tentados a pensar cultura enquanto folclore, mas nesta perspectiva a cultura passa a ser pensada enquanto objeto do passado. Essa interpretação evoca um significado de representação um tanto quanto artificial e congelada, ou seja, desprovida de seu significado simbólico para o presente assim gerando comercialização da cultura e das práticas populares, além de reverter as modificações sofridas por estas ao longo dos tempos em vez de compreendê-las.

A cultura popular deve ser valorizada, mas não se deve ficar no romantismo e sim considerar a sua origem, fundamentar as suas práticas e rituais que assumem seu espaço na realidade atual, produzindo e construindo valores, imagens e concepções. A cultura popular deve ser abordada em constante diálogo entre o passado e o presente já que é um processo de intenso dinamismo e nos provoca a compreendê-la em seus processos transformativos. É preciso entender que dentro de todos os aspectos a cultura popular apresenta condições concretas de vida e que nelas estão implícitos argumentos sociais e econômicos que são experienciados no cotidiano da população, concebendo assim um processo concreto de transformações.

E a cultura não está alheia a este processo de transformações, mas é prática integrante e fator que o ajuda a fomentar ainda mais. Assim, a cultura deve ser essencialmente pensada de uma forma plural e, sobretudo, anexada ao tempo

presente. Ela é representação dinâmica e viva das classes populares, sejam elas de maior ou menor poder aquisitivo.

Desta forma encontramos na definição de Certeau (1990) a “invenção do cotidiano” a mais coerente para a compreensão das práticas e representação que a cultura popular faz permear na sociedade. Essas práticas e representações passam por um refazer contínuo, ou seja, por um processo de atualização no tempo e no espaço. A narrativa e a memória são elementos primordiais para que esse processo aconteça, uma vez que por meio delas os historiadores são levados a interpretar e compreender o que está se transformando dentro do seio da cultura popular.

A cultura popular se torna a partir destas perspectivas o campo de enfoque de diversas e atuais pesquisas não somente históricas, mas também das Ciências Sociais e da Antropologia. Para tanto nos reportamos ao interior de estado de Goiás como alvo desta pesquisa a fim de compreender e penetrar o campo cultural popular, analisar suas práticas e representações sociais e focalizar suas formas de expressão.

Quando se fala de Goiás, muito já se disse, mas muito ainda não pode ser catalogado e muito menos refletido em um contexto mais amplo, uma vez que a historiografia goiana ainda apresenta suas lacunas e dicotomias, sendo portanto apresentada de maneira ainda escassa. Terra centro do Brasil onde diversos pensamentos e riquezas musicais e poéticas fizeram ecoar pelos ouvidos do país. Terra dos sertanejos, mas das poetizas. Terra do homem do campo, mas também das cidades planejadas. Um estado que vive no limite da dicotomia, onde não se pode efetivar um limite entre o rural e o urbano, mas na confluência entre o que se encontra sagrado e profano.

A terra de Goyazes se volta no fio capaz de confluir as práticas culturais que podem ser experimentadas pelos goianos cotidianamente. As mais diversas práticas, nos mais amplos aspectos da cultura ou mesmo na especificidade do rito, da festa ou da religiosidade trazem à tona diversas tramas sociais em que os atores tecem e constroem o seu tempo e a sua história.

A cultura goiana é fonte constitutiva de sua história que se forma de maneira dinâmica e plural e por isso se encontra no limiar entre o imposto e o aceitável, a modernidade e o atrasado. A cultura goiana é criada, reinventada, recriada mas, sobretudo, persiste deixando sobre os amplos recôncavos os traços da memória de um povo que constitui a sua história por meio dos indícios e sinais.

A religiosidade sempre foi fator integrante do cotidiano goiano e pode ser percebida em cada centímetro percorrido ao longo do vasto estado, seja por meio de romarias, expressões silenciosas, novenas, ou até mesmo as festas como de Santos Reis. Estão inseridas no cotidiano goiano e conduzem a população ao extraordinário ao darem um novo significado e força para vencer o ordinário.

Este estudo acerca da Folia de Reis procura demonstrar e sustentar diversas indagações que surgem a partir do estudo tanto da cultura popular em si, quanto especificamente da manifestação da Folia de Reis.

A relação urbano e rural, enquanto categoria de análise da formação da comunidade quirinopolitana, é formadora de uma religiosidade popular arraigada nas práticas populares? A Folia de Reis, enquanto performance cultural, assume as características sociais da região, podendo assim reconstituí-la como fonte de memória da comunidade quirinopolitana? Será que as transformações sociais e econômicas ocorridas na região de Quirinópolis tiveram influência e proporcionaram a transformação e adaptação da Festa de Folia de Reis tanto em sua performance, quanto na sua representatividade social?

A partir desses pressupostos a pesquisa possibilitou o acesso a documentos preciosos encontrados, cartas confidenciais e familiares, escrituras e documentos oficiais já dados por perdidos. No entanto, as dificuldades sempre permearam a pesquisa como, por exemplo, acessar certas fontes que ora se encontravam no Museu Histórico de Quirinópolis, bem como o desaparecimento de fontes que, por hora, estavam catalogadas no mesmo local. No entanto, são dificuldades próprias do ofício do historiador.

Para além das dificuldades a gratificação em reconhecer-se quirinopolitano em cada documentação encontrada e o tecer que se encontrava em cada trama reconstruída fazia com que o ofício do historiador fosse cumprido com prazer. Nas declarações de cada entrevistado era notada a vontade de querer reconstruir um pouco de sua história não apenas de cunho pessoal mas, sobretudo, o seu lugar na sociedade, no espaço social.

Evidentemente, foram observadas diversas mudanças que ocorreram nos aspectos culturais no interior de Goiás, como também as mudanças econômicas e mesmo no discurso da população. Do simples Goiás visto como terra de mato e índio passou à oitava economia do país e atraiu diversos investimentos industriais. Todas essas mudanças não se limitam ao campo econômico apenas mas,



evidentemente, assumem seu espaço enquanto construtor do espaço social e, também, como agente transformador da cultura local.

Em Goiás, o rural sempre foi muito marcante na vida cotidiana da população de maneira geral. Costumes e aspectos da vida do homem do campo são perceptíveis desde o menor distrito do estado até mesmo à grande capital planejada. Foi esse mundo rural que sustentou tanto a sobrevivência quanto a subsistência de uma população que traz em si a raiz do “ser caipira”. Fé e religiosidade fazem parte da ação regulamentadora de um “novo mundo” que se tornou o centro do país. Os versos cantados, as promessas, procissões, novenas, reuniões e orações comunitárias, bem como os batizados populares e, sobretudo, o festar demonstram que a memória e o cotidiano, embora modificados, assumem o seu papel preponderante na construção do imaginário social da população em si.

A pesquisa em questão almeja justamente compreender a Folia de Reis em Quirinópolis como lugar de memória e performance a partir das práticas e representações inerentes a esta festa marcada pela religiosidade popular. Quirinópolis localiza-se no interior de Goiás precisamente na região sudoeste e, como não obstante das demais regiões de Goiás, tem seu povoamento a partir do avanço da agropecuária pelo interior do Brasil.

Esta pesquisa se sustenta a partir de levantamento bibliográfico conservando sempre a perspectiva dos conceitos principais de memória, performance e cotidiano e abarca, sobretudo, diversos aspectos da cultura popular, por meio das entrevistas com moradores de Quirinópolis, devotos de Santos Reis. Estas ao serem analisadas permitem um olhar sobre o cotidiano, remontando assim à história de Santos Reis no município. Nesta fase da pesquisa as entrevistas são selecionadas e analisadas a fim de verificar como a manifestação popular se materializa no cotidiano, especificamente no que tange à prática da religiosidade popular enquanto expressão de cultura.

O primeiro capítulo intitulado “Cultura popular: sujeitos, saberes e práticas” propõe discutir os conceitos em torno de cultura e cotidiano, bem como práticas e representação, construindo assim uma teia de significados que permita identificar o espaço pesquisado e os sujeitos, seus saberes e práticas dentro da perspectiva histórica de Quirinópolis abordando, sobretudo, a relação da cidade com o aspecto da ruralidade.

Já o segundo capítulo intitulado “Religião popular: o lugar da memória quirinopolitana” se propõe a entender a religiosidade popular enquanto paisagem própria da expressão cultural quirinopolitana, perfazendo um panorama geral sobre a Festa da Folia de Reis na região do Paredão em 1979, além de analisar por meio de metodologia de história oral e da iconografia características gerais da Folia de Reis que são expressões da realidade da expressão cultural estudada.

Já o terceiro capítulo nomeado “Entre a Tradição e a Modernidade: rituais e práticas da Folia de Reis da Pedra Lisa” analisa o panorama atual da Folia de Reis em Quirinópolis, especialmente a Folia de Reis da Região da Pedra Lisa, bem como aspectos inerentes às mudanças e transformações sofridas por esta ao longo dos anos. Considera-se a Festa de Folia de Reis como expressão política da localidade e por isso estuda-se também a festa enquanto expressão popular frente às diversas permanências e transformações diante da modernidade. Observam-se ainda quais são as principais preocupações dos foliões diante de tais mudanças. A pesquisa procurará abordar a Folia de Reis enquanto ritual a fim de descrever e analisar as práticas da Folia de Reis da Pedra Lisa.

À guisa se proporá uma pequena discussão no intuito de sintetizar as mais variadas faces e conceituações apresentadas em torno da cultura popular expressa na Festa de Folia de Reis.

Por fim, cabe uma pequena ressalva. Este trabalho não procura reconstruir um puro histórico da Festa de Folia de Reis, remontar sua origem e datar uma possível chegada da mesma ao Brasil, em Goiás e região de Quirinópolis, mas sim analisar as relações e transformações que a mesma sofreu ao longo do período de consolidação da localidade.

## 1 CULTURA POPULAR: SUJEITOS, SABERES E PRÁTICAS

A expressão “cultura popular” antes de qualquer interpretação tendenciosa deve ser compreendida a partir dos seus dois termos que, em si, já são cheios de conflitos em suas definições. Diversos autores ao longo dos estudos acerca do que seja cultura assinalaram para diversos setores e aspectos da sociedade em si. Peter Burke (1992, p.25) ao trabalhar com o termo cultura assim o define:

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música (...) hoje, contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo ‘cultura’ muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante.

O estudioso enfatiza que os estudos sobre cultura têm se multiplicado, como também as formas de compreensão da mesma. O termo antes restrito às questões mais eruditas, ou seja, ao que era classificado como culto, com o avançar dos estudos culturais atinge uma abrangência maior e passa a designar diversos aspectos do ser humano em si. Assim, pode-se dizer *que* “a cultura é um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados, e as formas simbólicas nas quais eles se expressam ou se incorporam” (BURKE, 2004, p. 21).

Não obstante E. P. Thompson (1998) prefere valer-se do termo “costumes” na obra *Costumes em Comum*, na qual prioriza a cultura dentro da Inglaterra e enfoca o embate entre os letrados e o popular; a partir de então ele pressupõe que o termo costumes é mais abrangente que cultura.

Desta forma, pode-se compreender a cultura dentro da perspectiva de Thompson (1998, p.17) como sendo:

Também um conjunto de diferentes recursos em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole: é uma arena de elementos conflitivos que somente sob uma pressão imperiosa(...) assume a forma de um sistema.

A partir desta conceituação de Thompson encontra-se a dicotomia entre o rural e o urbano, uma vez que para ele a cultura está no limiar dicotômico das questões práticas do dia-a-dia, mas também nas diferenças sociais, econômicas e políticas que são expressas por esta.

Consequentemente surge o questionamento do que realmente seja o popular. Assim como a cultura apresenta um universo imenso de interpretações e sua conceituação está longe de consenso, também o termo popular afunila mais ainda a discussão e aumenta as interpretações, não sendo seu significado também consenso entre os pesquisadores da temática. Stuart Hall (2006, p.245) ao estudar o termo popular dentro da questão cultural endossa:

O termo popular guarda relações muito complexas com o termo 'classe'. Sabemos disso, mas sempre fazemos o possível para nos esquecermos. Falamos de formas específicas de cultura das classes trabalhadoras, mas utilizamos o termo mais inclusivo, 'cultura popular' para nos referirmos ao campo geral de investigação. O termo 'popular' indica esse relacionamento um tanto deslocado entre a cultura e as classes. Mais precisamente, refere-se à aliança de classes e forças que constituem as 'classes populares'. A cultura dos oprimidos, das classes excluídas: esta é a área à qual o termo 'popular' nos remete.

Assim, refere-se ao popular dentro de um contexto de oposição de classes. O popular para Hall (2006, p. 237) seria a oposição ao que é letrado uma vez que,

O termo pode ter uma variedade de significados, nem todos eles úteis. Por exemplo, o significado que mais corresponde ao senso comum: algo é 'popular' porque as massas o escutam, compram, lêem, consomem e parecem apreciá-lo imensamente.

O popular assume um caráter capitalista, sendo a generalização da população, portanto popular é igual a povo, à massa. Esse é o caráter comercial do popular: o popular enquanto massa. No entanto, Hall (2006, p. 239 – 240) ainda adverte:

A cultura popular é todas essas coisas que 'o povo' faz ou fez. Esta se aproxima de uma definição 'antropológica' do termo: a cultura, os valores, os costumes e mentalidades (folkways) do povo. Aquilo que define seu 'modo característico de vida'.

Desta forma a cultura popular assume um caráter que exige uma definição antropológica, assim designando tudo que é voltado para o povo ou que sai do povo. O popular seria o modo de vida da população, de tudo aquilo que ela faz ou fez com definição do modo de viver.

Um dos estudiosos da área da cultura popular é Michel de Certeau. Em seu livro *A Cultura no Plural* (2005) faz uma reflexão sobre a cultura popular e afirma que esta supõe uma ação não-confessada. Foi preciso que ela fosse censurada para ser estudada. Tornou-se, então, um objeto de interesse porque seu perigo foi eliminado (CERTEAU, 2005, p. 55)

Os estudos acerca da cultura popular assumem um papel relevante dentro dos estudos históricos a partir do momento em que a cultura popular passa por um processo de “purificação”, ou seja eliminam-se as problemáticas em torno da mesma.

A partir de seus estudos em torno da cultura popular na obra *A Invenção do Cotidiano* (1990) Certeau a compreende a partir das tensões que existem entre dominantes e dominados as quais geram dois conceitos. De um lado a cultura dominante que por meio de seus valores e situações impostas ditam as “regras” da sociedade e canalizam para a adoção de sua cultura de modo geral. Certeau concebe a cultura dominante a partir do conceito de estratégias e dentro desta perspectiva em que a cultura dominante e a cultura popular se inserem é que sobrevive ao “jogo do sistema”, dribla certas regras, mas continua dentro do sistema, ou seja, “fazendo o jogo”. A esta forma de sobreviver dentro do sistema e do jogo das estratégias, Certeau chama de tática.

A partir desta visão teórico-metodológica de Certeau de estratégias e tática é possível compreender as “formas populares” de cultura que envolvem todos os aspectos da vida humana, desde o que está contido no cotidiano com suas práticas, até as formas que podem ser pensadas como formas de consumo como, por exemplo, os meios de comunicação de massa. Assim, as estratégias estão ligadas a lugares e instituições que possuem um lugar próprio, ao contrário das táticas que não o possuem e não estão ligadas a uma instituição, mas são maneiras de ação, práticas, localização e emprego do que foi produzido pela instituição por meio do ato de consumir.

Mediante esta perspectiva de Certeau é viável compreender a produção e recepção, sendo que os receptores da cultura estão prontos para aceitar o que é produzido e imposto a eles. Assim:

A uma produção racionalizada, expansionista e centralizada, ruidosa e espetacular, corresponde uma outra produção, qualificada de 'consumo'. Esta é astuciosa, ela é dispersa, mas se insinua por todos os lados, silenciosa e quase invisível, pois não se marca por produtos próprios, mas em modo de usar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 1990, p. 37).

O popular não apenas consome o que já está imposto, mas também modifica o que está imposto. Eles podem consumir, mas se modificam na forma de utilizar o que já está pré-definido.

Para Certeau, no terceiro capítulo do livro *Cultura no plural* (2005), intitulado “A beleza do morto” o termo cultura popular é uma construção a partir de finalidades propriamente políticas e isso se deve ao processo de legitimação da cultura popular, ou seja, ter passado por um processo de purificação, em que foi retirado tudo o que podia ser “ameaçador” e que nela estava contido. No entanto, Certeau (2005, p.82) adverte:

Contudo, uma outra cultura suporá ainda uma repressão, mesmo se ela funda uma nova participação política. A linguagem instala-se nessa ambigüidade, entre aquilo que ela implica e aquilo que ela revela. Do acontecimento político, a própria ciência recebe seus objetos e sua forma, mas não a sua condição; ela não se reduz a ele. Sem dúvida, será sempre necessário um morto para que haja fala; mas ela falará da sua ausência ou da sua carência, e, explicá-la não se limita a apontar aquilo que a tornou possível em tal ou tal momento. Apoiada no desaparecido cujo vestígio ela carrega, visando ao inexistente que ela promete sem dar, ela permanece o enigma da Esfinge. Entre as ações que simboliza, ela mantém o espaço problemático de uma interrogação.

A cultura popular deve ser compreendida a partir de uma concepção que deve ser questionada, assim, o popular deve ser problematizado a fim de que se possa compreendê-lo como realmente é, longe de qualquer ação ou vestígio de predefinições feitas como “embalsamento” do conceito.

Também cabe uma reflexão a partir das definições de Chartier que nos remete à compreensão de cultura a partir das práticas e representações. Para ele a cultura popular é uma categorização erudita, ou seja, feita a partir da cultura erudita, sendo assim concebida a partir da elite e não do popular. De certa forma a cultura popular passa a ser plural, ou seja, assume diversos significados e possibilidades a partir do momento em que seleciona o que é erudito e o que não se encaixa nesta perspectiva é considerado popular. Aquele praticante do que é denominado popular na verdade é sinônimo de expressão da cultura local. A divisão entre erudito e popular existe a partir do pensamento erudito de não se misturar ao popular, embora haja admiração para tal. Chartier (1995, p.7) afirma:

Considerar o leque das práticas culturais como um sistema neutro de diferenças como um conjunto de práticas diversas, porém, equivalentes. Adotar tal perspectiva significaria esquecer que tanto bens simbólicos como as práticas culturais continuam sendo objetos de lutas sociais onde estão em jogo sua classificação, sua hierarquização, sua consagração (ou, ao contrário, sua desqualificação).

A partir desta perspectiva é impossível identificar a cultura popular por meio de objetos e práticas específicas, uma vez que ela se apresenta de maneira plural. É preciso, segundo Chartier, analisar a cultura a partir da apropriação feita por indivíduos e grupos dela, ou seja, mediante suas práticas e representações.

As relações e os modos de usar objetos, normas e ritos é que classifica o popular e não objeto em si, ao contrário do que é concebido como erudito. Assim, a compreensão de apropriação cultural passa pelo modo de recepção dos símbolos, normas, ritos e objetos que estão envolvidos em um processo cultural. O popular não pode ser enumerado, descrito, uma vez que não está contido em elementos ou no conjunto de elementos, mas sim nas relações que envolvem esses elementos. Há uma interação entre estes, gerando assim uma produção contínua. Na concepção de Chartier (1990, p.25):

Considerar a leitura como um ato concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, e, por outro, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais – chamemos-lhes ‘tipográficos’ no caso dos textos impressos – que são seus.

Assim, o conceito de cultura popular para Chartier passa por uma compreensão dos campos de dominação simbólica e de dominados, sendo que domina aquele que assume o papel de cultura erudita, qualificando o consumo justamente dos dominados (detentores de uma cultura que não é legítima, ou mesmo ilegal) qualificado como inferior, mas que apresenta uma lógica específica a partir do que é imposto a esta classe, compreendendo bem o seu funcionamento e usos.

Assim como Chartier o estudioso Certeau também trabalha na perspectiva de que a compreensão de cultura se dá a partir do uso e da apropriação que o grupo ou indivíduo faz de um objeto e não o objeto em si. A caracterização desse grupo ou indivíduo não está ligada ao tipo de cultura produzida por ele, mas sim a partir do seu uso. A cultura para Chartier e Certeau é pensada de maneira plural e não pode ser delimitada a partir de objetos, mas sim caracterizada a partir de suas práticas e representações.

Roger Chartier ainda nos remete a uma análise de práticas e representações. Importante saber que a análise da cultura perpassa as categorias de práticas e representações, isso porque analisam-se as maneiras pelas quais o homem legitima o seu mundo social, sendo a representação uma organização deste mundo social, uma espécie de estatuto.

O discurso assume o seu lugar dentro da história cultural, uma vez que o social é compreendido a partir da produção do discurso que estrutura o que é chamado de representações. Estas assumem um caráter de estruturação do que é real e do que é simbólico a partir do discurso. Assim, os símbolos levam a uma leitura do mundo, ou seja, o mundo é lido a partir dos símbolos que estão impressos nele, os quais são produzidos por meio das práticas culturais que também são os meios de leitura de tais símbolos. Por meio deles o espaço se torna compreensível e de certa forma decifrável.

A problemática do mundo como representação, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e pensar o real. Daí, nestes livros e noutros, mais especificamente consagrados às práticas de leitura, o interesse manifestado pelo processo por intermédio do qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação (CHARTIER, 1990, p. 23-4).



Portanto, a categoria de representação alia-se à categoria de apropriação, uma vez que se entende os enfrentamentos nos quais os atores sociais estão inseridos, bem como a maneira como estes atores se inserem e usam as suas relações. Mediante estas noções é que se pode adentrar no campo de lutas, concorrências e poder a fim de analisar os aspectos de dominação e dominados. Esse processo leva a legitimar ou não os projetos de dominação, bem como analisar as escolhas feitas pelos indivíduos e justificá-las. A apropriação já pode ser definida como sendo a forma como os indivíduos ou grupos dão sentido ao que está ao seu redor.

Assim, a representação do mundo para Chartier (1990), está intimamente ligada às questões do posicionamento social que o indivíduo ocupa no mundo. Desta forma, ela une-se como estratégia na mediação entre as classes sociais, onde firma-se em sua posição social e elabora o real a seu modo. Representação e prática caminham conjuntamente, uma vez que a prática faz com que se reconheça o lugar que o indivíduo ocupa nas relações sociais e na sociedade em si. Práticas e representações são, em seus limites, construtoras da identidade social seja do indivíduo ou do grupo. A representação não existe sem a prática, pois é por meio desta que o indivíduo e as representações se manifestam. Também é preciso deixar latente que é no mundo das representações que as práticas sociais se incorporam por meio das instituições e dos grupos sociais que se perpetuam. A representação legitima a si mesma ou mesmo o lugar social do indivíduo e por meio da prática procura impor-se aos demais grupos sociais mediante a dominação simbólica, uma vez que esta aspira à hegemonia e mantém-se como fonte dominadora.

### 1.1 O rural e a memória: uma associação histórica

Para a compreensão da cultura popular um dos pressupostos a ser amplamente utilizado é a questão da ruralidade que deve ser compreendida a partir do resgate da memória. Quando passamos a uma análise da realidade rural é importante destacar a realidade Quirinopolitana e o contexto no qual está inserida esta pesquisa. Primeiramente é preciso compreender a definição de cotidiano que irá permear a pesquisa. A cultura cotidiana para Certeau seria tudo o que está envolvido como parte da vida das pessoas, como suas experiências, táticas e

estratégias. Ele ainda lembra que o cotidiano é feito e refeito permanentemente uma vez que não há lugares e práticas prontas e acabadas.

Podemos compartilhar também da definição de Agner Heller que nos remete à vida cotidiana como sendo “a vida do indivíduo” (HELLER, 1987, p. 20). Seja sem seus aspectos naturais ou não o cotidiano é tudo o que abarca a vida diária em todos os seus aspectos. A pesquisa procura analisar o cotidiano uma vez que

O que acontece no cotidiano (...) não pode ser visto apenas de fora para dentro, isto é, como algo aconteceu (...) e será analisado por terceiros; é preciso ver também o que o sujeito fez para que isso acontecesse, sua parte (potencialidade) e como reagiu ao que aconteceu, enquanto outros também agiram. A prática social mostra sua verdade no cotidiano, que se relaciona à arte, à filosofia ou à política...(GRINSPUN, 2001, p. 54).

É função do historiador analisar o cotidiano não apenas como objeto mas como o espaço em que as representações e as práticas se efetivam. O cotidiano pode ser descrito para Certeau como “o dia-a-dia se acha semeado de maravilhas, espuma tão brilhante (...) como a dos escritores ou dos artistas. Sem nome próprio, todas as espécies de linguagens dão lugar a essas festas efêmeras que surgem, desaparecem e tornam a surgir” (CERTEAU, 1990, p. 18). O historiador do cotidiano é chamado a ver-se frente ao vivido, interpretado e modificado. O cotidiano é o espaço das relações sociais, dos atores sociais em meio às suas práticas e suas representações, onde há as apropriações e desapropriações e os movimentos da história tomam sua consistência.

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia, nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nessa ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmo, quase em retirada, às vezes revelado. Não se deve esquecer deste ‘mundo memória’, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, do prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história ‘irracional’ ou desta ‘não-história’, como o diz ainda A. Dupront: o que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível... (CERTEAU, 1990, p. 31).

O cotidiano é compreendido como espaço e tempo em que as táticas dos atores sociais se revelam, uma vez que elas se tornam o desafio para as estratégias do sistema.

O cotidiano rural em Quirinópolis, Estado de Goiás, tem pouca escrita já que a maior parte está em relatos orais que narram histórias a partir de reminiscências passadas. As lembranças são revividas por meio de nossos pais e avós. As casas têm seus cheiros, comidas tradicionais, maneiras de falar, rezar, um jeito que reflete apenas o velho hábito de usar o passado “os bons tempos de antigamente” como desculpa de criticar o presente? Uma resposta ambígua, pois nos remete às experiências vividas no campo.

É preciso saber que a economia do setor rural de Quirinópolis remonta a uma economia de subsistência. Pelas distâncias antes existentes entre os centros comerciais era necessário que houvesse meios de sobrevivência na própria terra. A ocupação do cerrado do sudoeste goiano deve-se ao avançar da agropecuária que toma o seu espaço com a decadência da mineração em todo o estado. O cotidiano das pessoas que chegavam à região em que hoje se localiza Quirinópolis era marcado pela esperança de uma vida melhor e na procura de fazer riqueza, como será descrito nos tópicos abaixo.

A relação entre campo e cidade leva a uma contemplação como Raymond Williams diz ao se referir que “campo e cidade são palavras muito poderosas, e isso não é de se estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas (WILLIAMS, 1973, p. 11). A relação entre campo e cidade revela não apenas um problema ou mesmo um objeto da história, mas sim a vivência direta de pessoas que têm no cotidiano dois aspectos - a presença do passado e do presente.

Assim, o rural pode ser compreendido como um sonho localizado: a tranquilidade, a inocência, a abundância e a simplicidade do interior é parte de cada lugar. Na verdade, sabe-se que essas imagens que guardam semelhanças entre si têm cada uma sua própria história, ora lembrada e ora vivida e esquecida.

O “trabalho” da memória reconstitui fragmentos de passado entremeado a fragmentos do presente. Ao falarem do passado da fazenda, ao narrarem os seus dia-a-dias nos seus anos iniciais os pioneiros e antigos moradores constroem um pano de fundo, um contraponto que reaviva a imagem do presente fragmentado e estigmatizado pelas marcas digitais do moderno. É importante observar, portanto,

que a memória fundamentalmente "trabalha" o presente com subjetividade, a qual está calcada tanto no olhar quanto na fala sobre um passado de inúmeros pequenos registros que dialogam fundamentalmente com o presente, referem-se a ele, e não estrita e exclusivamente ao passado, como poderíamos supor. A persistência de essas imagens leva-nos a contemplar o mundo rural como uma diversidade cultural:

Não existe nenhuma realidade no Brasil que possa ser caracterizada especificamente como rural, sem nenhuma interação com o mundo urbano. Portanto, não podemos mais falar de rural, mas, sim, de 'ruralidades' (PESSOA, 2005, p.38).

A relação campo e cidade é uma dialética da vivência cotidiana, fios de memórias tecidos pelas narrativas de pioneiros e antigos moradores que nos conduzem a lugares e comunidades de memória. Seguir esses fios de memória é buscar a trama que constitui a cultura.

## 1.2 Face e interface: memória, religião e história

Ao trabalhar com a devoção popular aos Santos Reis nos remeteremos impreterivelmente à memória e à história. Halbwachs ao tratar da relação entre história e memória afirma que existem semelhanças e diferenças entre as duas, no entanto, a diferença se deve ao fato de que:

História começa onde a memória social acaba e a memória social acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Ou seja, a memória social é sempre vivida física ou efetivamente (D'ALESSIO, 1993, p.98).

A memória e a história mesmo nas semelhanças e diferenças estão intrinsecamente relacionadas, uma vez que a história é construída por meio da memória e a memória constitui a história.

A este entrecruzamento soma-se a religiosidade popular, uma vez que a memória do povo brasileiro é constituída, sem dúvidas, com bases religiosas e sociais. A religiosidade popular é aquela que se encontra fora da instituição e leva aos lugares profanos a sacralização do espaço e das práticas. Assim:

O sagrado revela a realidade absoluta, e ao mesmo tempo torna possível a orientação, portanto o mundo, neste sentido que fixa os limites e por conseqüência estabelece a ordem cósmica (ELIADE, 2010, p.44).

Mesmo não estando na órbita dos lugares sagrados as devoções populares têm como finalidade a sacralização cotidiana em que há a plena relação entre o profano e o sagrado. Esta religiosidade popular está intimamente ligada à cultura popular, já que se torna expressão nítida do povo e sua cultura. Diferentemente do catolicismo institucional o popular permite a plena relação da cultura das bases em que o povo, apesar dos ritos próprios, traz a tona todo o seu particularismo.

Chartier (1995, p.192) afirma que “as culturas populares estão sempre inscritas numa ordem de legitimidade cultural que lhes impõe uma representação da sua própria dependência”. Assim, a cultura popular leva à legitimação daquilo que ora estava fora do ciclo da oficialidade, tornando-a prática constante e de cunho semioficial.

Em primeiro lugar torna-se necessário ressaltar que embora a Paróquia de Quirinópolis seja denominada de Nossa Senhora D’Abadia a devoção ao Santo Reis é tida como uma das mais importantes junto ao povo da localidade, uma vez que é realizada a festa em sua homenagem todo ano e nesta são reunidos familiares, vizinhos e amigos e por muitos anos fôra uma prática da zona rural, mas já há 10 anos a festa acontece também na cidade, conforme afirma a Sra. Vitinha (ENTREVISTA EM 28/06/2010)<sup>1</sup>: “Hoje já se pode rezar a Festa de Folia de Reis aqui no tatersal, onde a folia toca e reza, a devoção do Santos Reis”.

Diante disso, torna-se um objeto de estudo importante para a compreensão do imaginário popular, bem como as raízes dessa devoção que mobiliza no dia 6 de

---

<sup>1</sup> Reside em Quirinópolis há 70 anos, nasceu na região da Pedra Lisa, onde tem uma propriedade rural; é uma pessoa religiosa, devota de Santos Reis e Santa Luzia e benzedeira (Entrevista em 28/06/2010).

janeiro a população quirinopolitana. Antes, porém de compreender a devoção aos Santos Reis no cotidiano do povo quirinopolitano faz-se necessário advertir:

A própria noção de religião popular foi objeto de inúmeras tentativas de definição e de contestações frequentemente renovadas, chegando até a dar a impressão de um recomeço indefinido dos mesmos equívocos. Porém, ao nos aprofundarmos, encontramos outras noções, designando os grandes componentes da noção-mãe: prece, devoções, peregrinações... (ISAMBERT, 1992 p. 13).

Desta forma a religiosidade popular assume o papel daquilo que é próprio do povo. Não se trata de práticas religiosas, ou seja, religiosidade que é elemento particular de um povo em certa localidade, país. Na opinião de Isambert (1992, p.13) “falar de religião popular é sempre contrapô-la a outra coisa, a uma outra forma de religião”; desta forma, torna-se mais coerente ao tratar das práticas religiosas populares utilizar o termo religiosidade e não religião.

As mais diversas formas de expressão da religiosidade popular, no Brasil têm suas origens nas várias religiões do mundo. Nelas estão agregadas tradições do catolicismo português, das práticas religiosas africanas e assim por diante. Por isso a mesma prática em diversas regiões pode ter características diferentes. Além de tudo a escassez do atendimento clerical bem como a predominância de uma população rural acentua a caracterização de uma devoção popular disforme e nas conformidades das necessidades locais. Desta maneira podemos nos reportar à introdução das práticas religiosas populares já na colonização uma vez que:

As fontes primárias (e não unicamente a hagiografia) registram o que portugueses e índios contemporâneos lhes pareceram aparições de santos, inclusive a Virgem Maria, no contexto de uma imensa experiência mística que caracteriza aqueles primeiros tempos (...) Santos protetores eram invocados (como o seguem sendo) contra os tipos de enfermidades ou perigos, ou para obter um remédio para muitos problemas pessoais, como das donzelas procuravam marido (WECKMANN, 1993, p.165).

Neste contexto há também a inserção da devoção aos santos. No Brasil há uma religiosidade formada por um povo, ainda nas regiões colonizadas

posteriormente, onde, além de agregarem elementos já oriundos de uma religiosidade popular, agregaram também aqueles próprios de sua experiência de vida por que:

O católico não lia a Bíblia, o católico brasileiro não participava dos sacramentos, e apenas assistia remotamente a Missa, como um espetáculo, em língua estrangeira, no qual executavam atos cujo significado desconhecia e cujo mistério respeitava. Ia-se à missa por obrigação como tanta gente vai a opera, sem saber italiano e sem entender muito de música. Mas, é obrigação (TORRES, 1968, p.87).

E é a partir desses pressupostos que a devoção ao Santos Reis é inserida no contexto quirinopolitano, não em tempos coloniais brasileiros, mas na época do desbravamento dos sertões do Centro-Oeste brasileiro, neste contexto o objeto de estudo está localizado no sudoeste goiano fazendo-se necessário adentrar na narrativa do Estado de Goiás para recriar a teia do discurso da cidade.

### 1.3 A ocupação e a cidade: a teia do discurso

O discurso narra a ocupação da região Centro-Oeste, semelhante às demais regiões goianas pela forma independente com que alavancou seu desenvolvimento.

A região cresceu isolada do contexto da Província que saiu de um ciclo de prosperidade, o Ciclo do Ouro, e mergulhou em uma profunda crise econômica que durou 100 anos.

Neste contexto ocorreu a ocupação no Sudoeste Goiano, que se desenvolveu sustentado pela criação de gado e oportunidade de comercialização nas regiões de origem dos produtores, as vizinhas do Triângulo Mineiro, bem mais desenvolvidas. O Sudoeste Goiano cresceu com a acumulação de capital sob poder de grandes proprietários rurais e fez surgir poderosos coronéis como Antônio Rodrigues Pereira e Jacinto Honório da Silva na região do Distrito de Quirinópolis, em Rio Verde, que movimentavam a economia da região ao comprarem gado de pequenos criadores, inclusive em terras mato-grossenses.

Nesta categoria de análise a cidade se refere a um momento passado imaginado por esses homens que se mantêm vivos e presentes; no tempo da tradição de famílias perceberam que a cidade criava suas ruas, o comércio e constituindo-se em pilares que são homens influentes que formam o mito fundador<sup>2</sup>.

A história afirma que em 1832 João Crisóstomo de Oliveira chegou à região e não há registro de outros, mas no livro *A Arvore Genealógica da Família Corrêa*, de Francisco Corrêa Neves (1957, p.6) lemos:

Os proprietários que aqui existia antes da Corrêa, eram os seguintes: José Vicente Pereira Ramos, Quintiliano Leão, Manoel domingos, Francisco Rosa; José Ferreira; Nicolau Alves Tolentino; José Lazaro Nogueira; Antonio Dias; José Marques; Feliciano Domingos; Francisco Feliciano Dias; José Rodrigues da Silva; e José Martins Nogueira. Todos moravam em lugar distante um do outro.

Também mostra os costumes e o padrão de vida deste tempo bem como as dificuldades na importação das mercadorias como ferramentas, sal, arame e outros. Tudo era transportado pelos carros de bois, meio de transporte do século XIX. Foi em 1843 que José Vicente de Lima e José Ferreira de Jesus se instalaram na região. Francisco Corrêa (1957, p.5) mostra as dificuldades encontradas no local:

Nesse tempo ainda não se cogitava construir pontes sobre os rios daquela região. As chuvas caíam com abundancia... Os habitantes que estavam subordinada a essa aprontavam um carro com boiada suficiente, bagagem, alimentação etc. Vendiam certo numero de gado para carregar seus carros no ponto de restabelecimentos, que era Uberlândia ou Uberaba.

Pensando em todas as dificuldades que as famílias passavam em 07 de janeiro de 1843 o Sr. José Ferreira de Jesus e sua mulher, “uma família de fé”, perceberam a importância de se ter um povoado, e doaram uma faixa de terra à Igreja Católica, assim originando a povoação de Abadia do Paranaíba; esta recebeu posteriormente o nome de Nossa Senhora D’Abadia, como relata o Sr. José Lazaro Nogueira (ENTREVISTA 13/01/2010):

---

<sup>2</sup> Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimirem-se novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto é a repetição de si mesmo.



Em um lugar escolhido, a pouco mais de dois quilômetros distante da serra, entre dois córregos, afluentes do Rio das Pedras, perto onde funcionava uma olaria, um grupo de pessoas chefiado por José Ferreira de Jesus, cercou uma área quadrangular para o cemitério, relativamente espaçosa, edificando depois em um dos ângulos uma capela, ficando assim fundado o Povoado de Capelinha<sup>3</sup>.

Quirinópolis, uma cidade da região do sudoeste goiano, foi construindo sua história por meio da Lei nº 603, de 29 de julho de 1879 quando foi elevada à categoria de Freguesia com o nome de Nossa Senhora D'Abadia ou Capelinha. A primeira missa foi celebrada pelo Padre Serafim<sup>4</sup>, e em 1890, o Padre Mariano realizou a primeira festa em homenagem à Padroeira da cidade, Nossa Senhora D'Abadia. Em 1879, 15 anos depois no dia 10 de julho de 1894, por lei municipal da Comarca de Rio Verde, foi criado o Distrito de Nossa Senhora D'Abadia do Paranaíba e a primeira Capela construída aos pouco foi sendo abandonada por estar localizada em ponto baixo e maleitoso<sup>5</sup>. Em 1910, foi demolida por José Quirino Cardoso e no dia 08 de setembro de 1913 teve início a construção da Igreja Velha Matriz, a qual foi inaugurada em 15 de agosto de 1917. Nas palavras de Georgides de Souza Matos (ENTREVISTA 25/03/2010)<sup>6</sup>:

Os senhores José Quirino Cardoso e Jacintho Hónorio da Silva foram os principais financeiros da construção, da Igreja atualmente a Matriz de Nossa Senhora D' Abadia.

A Freguesia de Nossa Senhora D'Abadia se tornou Distrito de Rio Verde pela Lei Municipal de 10 de julho de 1894 e pelo Decreto-Lei Estadual nº 17, de 24 de fevereiro de 1931 e recebeu a denominação de Quirinópolis, em homenagem ao Coronel José Quirino Cardoso cujo corpo se encontra sepultado no Altar-Mor da Igreja Velha Matriz<sup>7</sup>. Finalmente pelo Decreto-Lei nº 8.305, de 31 de dezembro de 1943, foi elevada à categoria de cidade e desmembrando de Rio Verde, de cuja

---

<sup>3</sup> Hoje Com 81 anos, nasceu na Faz. Cachoeirinha na região de Sete Lagoas; conhecedor da história da cidade, lavrador e hoje aposentado mora na cidade.

<sup>4</sup> Livro de Tombo da Igreja Católica Apostólica Romana de Quirinópolis, nº 1.

<sup>5</sup> Dito popular que significa um lugar provedor de doenças.

<sup>6</sup> Mais velho funcionário Público, escreveu apostila com a história do município, morador de Quirinópolis.

<sup>7</sup> Livro de Tombo da Igreja Católica Apostólica romana de Quirinópolis, nº 1.

Comarca passou a constituir termo. Como se lê nos versos do senhor Helio Campos Leão<sup>8</sup>

Dr. Pedro Ludovico  
Que era o interventor  
Emancipou a capelinha  
Por amizade e amor

Ela não tinha condição  
De ser emancipada  
A cidade era pequena  
Não estava preparada

Percebe-se em cada tempo a sua história, em cada fala as suas lembranças, em cada casa a história vivida, lembrada e passada de geração para geração. A Comarca de Quirinópolis foi criada pelo art. 8º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e com o termo de Comarca de Rio Verde. A instalação da cidade de Quirinópolis foi realizada no dia 22 de janeiro de 1944 e pelo Decreto Municipal nº 07, de 21 de janeiro de 1953, foi decretado Feriado Municipal “per sempre” a data de 22 de janeiro em comemoração à instalação do município de Quirinópolis.

Assim Quirinópolis passou por várias fases de arrojo e bravura de seus primeiros habitantes, até chegar ao atual estágio de desenvolvimento, crescendo e engrandecendo com o trabalho de seu povo laborioso e ordeiro (MATOS, 2000. p.63).

Com a autonomia política estabeleceu-se o regime de prefeitos nomeados como consta no livro nº1 de termos de posse de prefeitos e vice- prefeitos, data de abertura de 24 de janeiro de 1944, contendo 50 folhas, assinado pelo Sr. José Jacintho da Silva.

Os prefeitos eram nomeados pelos líderes locais encontrados nas pessoas de melhor poder aquisitivo pelo fato de que a prefeitura não inspirava fonte de poder,

---

<sup>8</sup> Documentação disponível no Museu de Quirinópolis.

pois este se encontrava mesmo era nas mãos dos coronéis. A prefeitura era apenas uma questão burocrática por ser carente de recursos, portanto o poder público local se mantinha das doações dos coronéis. A Câmara também era escolhida pelo mesmo grupo político. Só três anos depois, quando já se pretendia uma arrecadação de benefícios é que o cargo de prefeito tornou-se cobiçado e representativo do poder. Nesta época a política de Quirinópolis era representada e dividia-se em dois partidos, a UDN (União Democrática Nacional) e o PSD (Partido Social Democrático)

Em 31 de janeiro de 1966 foi empossado o Sr. Helio Campos Leão que no seu mandato criou a Bandeira do Município pela LEI nº 633, de 20 de novembro de 1969, artigo 1ª:

Fica criada a Bandeira deste município com as seguintes características: formato 100 x 40 na cor verde com losângulo amarelo, onde se encontra um círculo branco e nele inserido um escudo português em formato clássico dividido em listas verdes amarelas e campo branco com um trator e um boi, tendo no centro o mapa do estado de Goiás em cor azul onde se destaca a localização do Distrito Federal, Goiânia e o município de Quirinópolis. Em cima do escudo uma faixa com os dizeres 'LEITE E MEL'. Ladeando o escudo um ramo de flor de arroz e de algodão e ao pé uma outra faixa amarela contendo o nome de Quirinópolis e a data de emancipação política administrativa de 31.12.1943.

Percebe-se pela narrativa a invenção histórica e a construção cultural da cidade representada pelos símbolos trator, boi, flor de arroz e algodão - representação do cotidiano, do vivido, manifestação popular materializada na crença e paixão de seus habitantes. Marilena Chauí (2001, p.57) no livro *Mito Fundador e Sociedade Autoritária* destaca o valor simbólico da nação como construção histórica ao valer-se das palavras de Francisco Campos (1940) sobre o Brasil:

Criamos nosso mito. O mito é uma crença, uma paixão. Não é necessário que seja uma realidade. É realidade efetiva, porque estimula esperança, fé, ânimo. Nosso mito é a nação; nossa fé, a grandeza da nação (CAMPOS apud CHAUI, 2001 p.57).

Partindo da idéia do mito fundador do município de Quirinópolis percebe-se que os habitantes propõem um discurso narrativo organizado coletivamente à construção histórica, cujo suporte são grupos sociais e políticos temporalmente situados.

Esta identidade construída assegura a coesão e a solidariedade da história da cidade e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Ela nos apresenta idealmente como âncora e plataforma da história. Enquanto âncora possibilita que diante do turbilhão da mudança e da modernidade não nos desmanchemos no ar e enquanto plataforma permite que nos lancemos para o futuro com os pés solidamente plantados no passado criado, recriado ou inventado como tradição.

#### 1.4 O rural, e suas práticas e costumes

A partir das práticas e dos costumes da ruralidade, principalmente nas regiões do interior do Brasil, é preciso recorrer à memória, ao resgate desta memória, principalmente no que tange à metodologia de História Oral.

A memória de um povo é fator importante para a compreensão do cotidiano, uma vez que este não está contido apenas em documentos oficiais. Por muito tempo a história ficou restrita a documentos, mas o resgate da memória torna-se primordial para a compreensão da vida do homem em seus diversos aspectos, ainda mais no que tange à vida rural, pois esta se encontra registrada nos documentos, mas é refletida na memória e sobretudo na oralidade do povo.

No que tange às questões da cultura rural da região de Quirinópolis deve-se destacar:

As primeiras dificuldades se apresentavam no tocante à importação, pois tudo quanto se necessitava para a subsistência da própria vida era transportado em carros de bois e a enormes distâncias em relação à velocidade daquele antiquado meio de transporte. Mas embora deficiente, era o único que existia para trazer das 'grandes' cidades (?) a ferramenta, o sal, arame, etc (NEVES, 1957, p. 5).

O trecho deste documento relata a vivência na vida rural em Quirinópolis no século XIX e nos mostra a dificuldade proveniente do isolamento das diversas

idades classificadas como “cidades grandes”. Vale lembrar que essas cidades eram Uberlândia (Uberabinha) e Uberaba, na época consideradas pontos de reabastecimento, uma vez que eram as cidades “grandes” mais próximas da atual Quirinópolis. No que se refere à cultura da região no século XIX é importante ressaltar:

O divertimento dos sertanejos quase se resumia nas caçadas e pescadas durante suas horas de lazer, porque não existia povoado nem cidade perto. O que se via de quando em quando era algum mascate desgarrado de longes terras (NEVES, 1957, p. 6).

No século XIX a região de Quirinópolis era marcada pelo distanciamento até entre seus moradores, uma vez que nem vias de comunicação existiam entre os próprios moradores da localidade, sendo a única forma de ligação e comunicação as trilhas de carro de boi.

A realidade do início do povoamento da região de Quirinópolis era puramente agrária, tendo por base pequena comunicação entre as famílias e sendo a cultura genuinamente rural. Tal fato se deve ao distanciamento dos grandes centros, bem como as dificuldades de locomoção entre a localidade e regiões consideradas “desenvolvidas” e mesmo entre os habitantes da região. Essa realidade claramente fica explícita no relato citado anteriormente que caracteriza as viagens para o reabastecimento da alimentação e de produtos que eram trazidos dos centros urbanos. As viagens eram sempre demoradas uma vez que não existiam pontes e o meio de transporte mais utilizado era o carro de boi.

Para se chegar a essas cidades [Uberlândia e Uberaba], havia de atravessar o rio Paranaíba por intermédio de balsas dirigidas a remos manguaris. O carro com os bois e gado para corte, atravessava-se a nado, protegidos por canoas (NEVES, 1957, p. 05).

Desde então são claramente observadas as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos que habitavam a região onde atualmente se localiza Quirinópolis. A vida isolada na região e as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos, no entanto, não eram diferentes das demais regiões do Brasil.

Assim, a agropecuária se torna a grande alternativa econômica para a região de Goiás. Autores como Luis Palacin, Euripedes Antonio Funes e Nars Fayad Chaul defendem que a acentuação da atividade agropecuária em Goiás como alternativa econômica surge como uma alternativa à mineração. Na concepção de Funes (1996, p.95):

No momento em que o ouro deixou de ser o produto base da economia goiana, as pessoas que não abandonaram a província, dirigiram-se para a zona rural, na qual passaram a se dedicar à lavoura e à pecuária.

A partir desse panorama apresentado por Funes nota-se que a população goiana era essencialmente rural. Vale ressaltar que a região que atualmente ocupa Quirinópolis começou a ser povoada somente no século XIX. A presença dos boiadeiros era marcante e mudava o cenário da atual região de Goiás e para Chaul (2001, p.92):

Outra consequência direta da decadência das minas foi o aumento das manadas de gado. Paisagem de pó e poeira, percorrendo estradas por onde o ouro já transitara tanto, por onde tantos viram pouco futuro para Goiás, passavam boi e boiada, num alento sertanejo para a economia que começava a dar certos sinais de vida.

Tal declaração nos remonta à economia goiana tendo um vigor pulsante a partir do momento em que a criação de gado começou a calcar em terras goianas. Assim, observa-se que havia imensos vazios demográficos em Goiás e tais distâncias eram encurtadas pela presença dos boiadeiros. Desta forma observa-se claramente que inicialmente a presença do homem do campo era voltada para a subsistência e, assim, apoiava-se em técnicas rudimentares. O gado era criado solto e não havia técnica para seu manejo.

Assim como no relato de Francisco Corrêa Neves (1957) sobre a realidade quirinopolitana do século XIX e início do século XX, Chaul (2001, p.94) apresenta-nos as dificuldades no transporte do gado, as quais são refletidas no transporte de mercadorias e pessoas:

Indiferente às dificuldades de transporte o gado, que se auto-transportava, estabelecia elos comerciais duradouros entre Goiás, Minas e São Paulo... e mesmo abaixo do peso, entre a sede e a fome, ampliavam um comércio que, cada vez mais, trazia bons rendimentos para Goiás.

Devido aos rendimentos que a pecuária trazia para Goiás por um longo tempo sustentou a economia da região, apesar de todas as dificuldades e limitações enfrentadas na época. Chaul (2001, p.93) ressalta que para suportar as longas viagens, resistir à fome e à sede a raça do rebanho era determinante:

Predominava o gado 'curraleiro' ou cognominado 'pé duro', espécie adaptada ao sistema de criação goiana. O gado zebu penetrou no sul de Goiás em 1875. Tiveram destaque as raças Gyr e Guzerath, de onde, através de cruzamento, se originou o chamado 'indubrasil'.

É fato que diversas cidades, sobretudo no sudoeste goiano, se dão como resultado da expansão agropecuária como endossa Luis Palacin (1994, p. 58): "Novos centros urbanos surgiram, sob o impulso da pecuária: Rio Verde, Jataí, Mineiros, Caiapônia (Rio Bonito), Quirinópolis (Capelinha), etc".

Neste contexto insere-se a região de Quirinópolis localizada no sudoeste goiano, região que dá impulso à economia goiana. O povoamento é consequência do processo de ocupação de áreas para a agricultura, confirmando o que Francisco Correa Neves descreve sobre a região e suas dificuldades.

Luiz Palacin (1994) ressalta que nas regiões onde se desenvolveu a criação de gado pioneira em Goiás surgiram também povoados que cresceram em função da economia gerada pela pecuária, investindo na criação de gado de corte, na produção leiteira e melhoramento genético.

## 2.RELIGIÃO POPULAR: O LUGAR DA MEMÓRIA QUIRINOPOLITANA

Quando nos reportamos à cultura popular uma de suas faces é a religiosidade popular. Sabemos que a forma mais frequente de se analisar um povo é por meio de sua expressão religiosa. Ultimamente muitos autores e pesquisadores da cultura têm adentrado no campo da religiosidade, principalmente no que tange às suas manifestações públicas como as festas votivas.

O povo, em sua concepção própria, é religioso e a festa é de extrema importância no cotidiano do mesmo, seja no campo ou cidade. A rotina e o ordinário são interrompidos pelos momentos de festa e, logicamente, estas são reflexos da religiosidade popular, fortes expressões de fé.

Durkheim (1998) ao abordar as formas elementares da vida religiosa destaca a importância da festa e momentos de recreação na religião como, por exemplo, a cerimônia e o rito. A vida religiosa e o festar estão na efervescência do extraordinário e permite, inclusive, transgressões às regras e normas até então impostas, mas que tomam um segundo lugar nestes momentos.

Durkheim (1998, p.372) aponta que “nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade”. A festa é ápice da religiosidade, confluência e expressão da cultura de um povo, bem como das relações explícitas no grupo. Desta forma “o caráter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões conhecidas, à pausa no trabalho, suspensão da vida pública e privada à medida que estas não apresentam objetivo religioso” (DURKHEIM, 1998, p. 372-3).

A religiosidade popular assume um caráter não consensual entre os estudiosos da cultura, uma vez que a própria definição de povo torna-se vaga. No que tange à relação de cultura popular e cultura letrada o mesmo embate também encontra seu lugar dentro das questões da religiosidade, onde há constantes embates entre a religiosidade oficial e a religiosidade popular. Mesmo os dois aspectos estando em constante relação há tensões que são vivenciadas no limiar dos aspectos tanto da cultura de maneira geral, quanto especificamente da religiosidade. Quando popular assume o lugar de memória da cultura popular.



## 2.1 A memória e seus lugares

Quando se passa a analisar um fato, acontecimento ou mesmo um período histórico na maioria das vezes o historiador recorre à memória e a partir da compreensão desta retoma-se a discussão em torno dos lugares onde se encontram essa memória.

A conceituação de lugar é muito ampla para a compreensão da religiosidade popular, bem como os lugares de memória em que se pode reconstruir historicamente sua trajetória ela torna-se necessária, uma vez que a religiosidade popular está situada em um espaço geográfico (região de Quirinópolis) como também em um espaço temporal (Folia de Reis de 1918 a 2011). A religiosidade popular assume, assim, o seu lugar histórico.

Pierre Nora (1993) trabalha a conceituação de lugar de memória a partir do pressuposto de que são vestígios físicos que trazem para um determinado grupo a presença de um passado que por meio dos lugares de memória permanece vivo. Os lugares de memória é a atualização do passado, ou seja, é o meio pelo qual o passado permanece presente mesmo em meio às mudanças que ocorrem ao longo dos tempos. Os lugares de memória é a presença do passado no tempo presente. Assim:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos, uma consciência comemorativa numa história que a chamava, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação (NORA, 1993, p. 13).

Os lugares de memória tornam-se formas de reconhecimento e identificação de um determinado grupo na sociedade. A partir deste ponto, o lugar de memória torna-se fator preponderante para a construção da identidade de indivíduos seus grupos e sociedades. Esta identidade perpassa todos os aspectos do indivíduo e forma, inclusive, a sua identidade cultural.

A história está em constante movimento em seus mais variados sentidos e se movimenta ao longo das épocas em seus modos, além é claro de todas as influências dos tempos e também na forma como a história é repassada e apresentada aos povos. Assim, a história tem seus lugares de memória que traz à tona o passado ausente e o torna presente.

O lugar torna-se o espaço em que a memória faz retornar a um fato, um acontecimento, um período ou época do passado, fazendo “rememorar”. Desta forma, o passado não se torna abstrato, mas é apreciado pelo presente. Assim, a memória se torna o ponto de partida para todo estudo historiográfico, uma vez que

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações [...] (NORA, 1993, p. 09).

Desta forma a memória se traduz em movimento constante também e está sujeita aos fatores do tempo, seja em seus espaços físicos ou mesmo imateriais, assim tornando-se conjugação entre os dois lugares: o material e o imaterial. Assim, é uma teia de significados em que o material e o imaterial se complementam. Memória e História, embora ambíguas, caminham juntas. A memória é para a História o seu rastro e o caminho que faz “rememorar” o seu objeto. Nora (1993, p.09) assim concebe o termo história:

É a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais: a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censuras ou projeções.

Fica latente que a memória é a atualização da história. Os lugares da memória seriam, portanto, esses meios materiais como museus, monumentos, ou imateriais como festas e tradições que trazem a história para a atualidade pelo viés da memória e neste caso a festa de folia de Reis demarca o lugar de memória.

As práticas cotidianas dos habitantes de Quirinópolis aqui serão compreendidas mediante os sentimentos de efetividade e identidade a partir das experiências vividas que vão nortear o caminho de entendimento da festa. A discussão sobre o lugar nos remete ao lugar de memória, um espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas, das relações de vizinhança, da ida à procissão, o caminhar, o encontro dos conhecidos, as brincadeiras e o percurso reconhecido de uma prática vivida, decodificada em pequenos atos corriqueiros.

O revelar das vivências cotidianas podem nos remeter à história da cidade. Para Damiani (1999, p.163) o conceito de cotidiano está inserido numa realidade que envolve uma série de relações entre os indivíduos, já que “inclui o vivido, a subjetividade, as emoções, os hábitos e os comportamentos”.

Para tanto as festa nos leva a uma compreensão da noção de lugares de memória e para Pierre Nora (1993) é um conceito tríplice em que a definição se constrói a partir de lugares materiais onde a memória social se ancora na sensibilidade humana, sendo lugares funcionais porque adquirem a função de alicerçar memórias coletivas ao mesmo tempo que são lugares simbólicos onde está a memória coletiva reveladora da identidade; são, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória apropriada por historiadores e cientistas sociais das mais variadas latitudes geográficas e ideológicas.

Não é um produto espontâneo e natural, já que os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse em seu estudo vem, exatamente, ao encontro do objeto de estudo eleito, a Festa de Folia de Reis. Esta pressupõe um valor documental e ao mesmo tempo revela o processo social com todos os conflitos e paixões levando a uma interpretação dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica.

Portanto interessa construir os fragmentos desses lugares de memória que representam uma das leituras possíveis da Festa de Folia de Reis em Quirinópolis, a qual forma o processo histórico que as selecionou num momento vivido, com toda sua particularidade que será desvendada nos códigos dos rituais sendo as marcas do tempo vivido que, por vezes de forma muito tênue, transparecem sob a ilusão de eternidade que é uma das suas características.

Se referindo a um campo teórico determinado que nos permite uma aproximação interessante entre os laços místicos de uma festa religiosa que identifica, une e confere sentido a uma dada coletividade esta coletividade nos leva

à problemática dos historiadores da cultura, pois nos motiva a responder algumas perguntas básicas: são lugares de memória ou de memórias? São lugares de memória de quem e para a construção de quais identidades e quais projetos?

Ao serem apresentados neste trabalho alguns dos lugares de memória da cidade de Quirinópolis o objetivo é ensaiar algumas respostas a essas perguntas com o olhar sempre crítico a esses lugares sagrados da religiosidade popular, do pensamento do homem matuto e da ação desse mesmo homem na sociedade quirinopolitana. Nessa perspectiva do historiador, por mais que seja festa, é também documento e como tal desafia interpretações.

## 2.2 Religiosidade e expressão cultural: a sacralização do cotidiano

A compreensão da religiosidade exigiu ao que longo dos anos diversos autores se dedicarem ao estudo da religiosidade em seus mais diversos aspectos desde as suas explicações sobre a sociedade, até as suas definições. É preciso lembrar também que a religiosidade é um “mundo plural”, uma vez que apresenta várias faces como institucionalizada, oficial, além, é claro, da popular.

A religiosidade popular deve ser compreendida tanto em seu caráter religiosidade quanto popular, visto que:

É o conjunto de atitudes, gestos e palavras, e o modo de um indivíduo ou uma coletividade se dirigir ao Ser Supremo para mostrar vassalagem, adoração, louvor, agradecimento e petições. Já ‘popular’ é igual ao que pertence o povo; é a tradição, o folclore, mentalidade popular; popular como termo antitético no relacionamento rural e urbano, com enfoque político; popular e erudito na área cultural; sagrado e secular, na dimensão religiosa (OLIVEIRA et al, 1976, p. 69).

Assim, religiosidade e cultura estão intimamente ligadas, sendo a primeira uma forma de expressão cultural, ainda mais quando se trata da religiosidade popular, já a segunda é expressa em sua religiosidade, uma vez que ela é expressão do cotidiano do povo. Na religiosidade popular estão sacralizados os aspectos do dia-a-dia, bem como a sacralidade da individualidade. As festas da religiosidade popular

assumem um caráter cultural e trazem à tona a vivência do que seja diário e do que é extraordinário, as lutas diárias e a sacralização do por vir.

Frente à questão da religiosidade popular dois aspectos – o sagrado e o profano - estão presentes e são desdobramentos da presença do cotidiano do grupo no desenrolar da festa e da religiosidade em si.

Diversos estudos acerca da religiosidade, sobretudo sobre a religiosidade popular, se debruçaram tanto sobre os aspectos sagrados quanto os profanos. Muitas definições e conceitos foram sendo abordados, no entanto quando são analisados alguns elementos particularmente estes estão livres de qualquer consenso ou de uma definição própria em si.

Primeiramente, é preciso fazer um panorama do que seja o sagrado e profano. É sabido que os dois termos se entrelaçam, ou seja, para que um exista é necessária a existência do outro, ou seja, não existe sagrado sem profano e não existe profano sem que exista o sagrado. Durkheim (1998, p.72) adverte:

Aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas se excluem radicalmente.

O autor nos remete à dicotomia que existe entre os dois aspectos que compreendem tudo o que existe dentro da religiosidade, seja ela popular ou oficial. Para ele sagrado e profano são excludentes em si sendo que um não se aproxima do outro, mas não existem sem a definição um do outro.

Ao trabalhar o sagrado e o profano Mircea Eliade (2010, p.20) um dos mais célebres autores da temática nos remete a um pensamento mais amplo ao afirmar que “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história”.

Desta forma o sagrado e o profano assumem uma situação existencial do ser humano, já que em seus diversos aspectos o ser humano convive com a dualidade do que seja profano e do que seja sagrado, isso porque “os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos (ELIADE, 2010, p. 20). Em outras palavras, a definição do que seja sagrado e

profano depende da posição e da situação em que o homem se encontra no universo, isto é, no espaço em que ele está alocado.

As duas categorias servem para analisar as perspectivas do homem na sociedade e a visão que ele empreende do mundo. No entanto, as duas categorias estão impelidas dentro de uma perspectiva religiosa e que perpassa o ser humano por inteiro. É preciso salientar que a visão do que seja profano ou sagrado depende do olhar e da localização do homem no cosmos<sup>9</sup>, como já advertia Eliade (2010).

Assim, pode-se compreender a questão da religiosidade ou mais especificamente o fenômeno religioso a partir destas duas categorias: o sagrado e o profano. É evidente que a visão popular se apresenta de maneira dualista ou mostra que um existe em oposição ao outro. Ao analisar a questão religiosa e, mais especificamente a dualidade existente entre o sagrado e o profano, Durkheim (1998, p.51) ainda afirma que “o sagrado e o profano foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, como dois mundos que não tem nada em comum”. A partir desta perspectiva é possível compreender que o sagrado está contido em tudo aquilo que está ligado à questão sacralizadora, às magias, aos mitos, às crenças populares e à religião oficializada e estruturada; ele ainda se localiza no extraordinário, é transcendente e está ligado à divindade. Já tudo aquilo ligado ao homem, ao que está no cotidiano, no ordinário, pode ser classificado como não sagrado e, portanto, profano.

Mircea Eliade (2010) concebe o sagrado a partir de uma definição de hierofanias, ou seja, a forma como o sagrado se manifesta em contraposição ao profano. É a forma real do sagrado, uma vez que o termo hierofania “é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo sagrado se nos revela” (ELIADE, 2010, p. 17). Assim um objeto, por exemplo, revela-se não enquanto objeto mas a partir de sua sacralidade e do que está sagrado. Assim, o sagrado se revela e isso remete a muitos aspectos específicos da religiosidade, inclusive a crença em Deus.

Em seus estudos sobre a religiosidade Eliade (2010) revela que os povos sempre procuraram viver próximos às hierofanias, ou seja, próximos aos objetos sagrados que, em suas crenças, são as revelações do que seja sacro. O mundo, em sua essência, está todo envolto em aspectos e valores religiosos.

---

<sup>9</sup> Como Cosmos pode-se compreender como sendo o espaço que o indivíduo habita, ou mesmo o mundo conhecido. Já o que está fora deste âmbito é denominado Caos.

O autor ainda enfatiza que com o passar do tempo a dicotomia sagrado e profano é expressa em outras categorias como puro e impuro. Já para René Girard (1998) que trabalha a questão do sagrado frente à violência as duas categorias são inseparáveis, uma vez que a violência passa a ser sagrada muitas vezes por consequência do sacrifício.

O rito para Girard (1998) é a expressão do que é sagrado, mas também do que é profano. O rito religioso em seus aspectos sagrados e profanos, assume um caráter de violência e esta é sacralizada e legitimada.

O sagrado assume um caráter organizador e passa a ser o modelo que deverá ser seguido pelas sociedades. O que está no sagrado está correto e o que está fora dele é profano, portanto incorreto ao partirmos para uma análise criteriosa do que é profano e sagrado dentro da religiosidade popular, campo de análise eleito nesta pesquisa.

A maioria das festas da religiosidade popular apresentam os dois aspectos mencionados, ou seja, na maioria das vezes os dois se confluem. A Festa de Folia de Reis, objeto de estudo, apresenta dois planos que, teoricamente, seriam distintos: a parte religiosa categorizada como sagrada e a festa enquanto manifestação popular, categorizada como profana. No entanto, os dois são manifestados no mesmo espaço, sendo em momentos distintos e apresentam-se de maneira integrada, em que o sagrado assume um caráter sacralizador. O profano é sacramentado pelo que há de sagrado e, assim, não há limites entre os dois aspectos presentes na festa.

Sagrado e profano caminham juntos e estão intimamente ligados entre si. Eles são complementares um ao outro e formam a perspectiva que envolve o ser humano em si. A sacralização ou a profanação estão no limite dos dois aspectos. O sagrado se manifesta na direção do profano e o limite entre eles já não é tão presente e marcante como anteriormente.

### 2.3 A Folia de Reis e sua performance: um bem cultural

A hipótese sustentada recai sobre a questão da preservação dos bens culturais, de sua transmissão e comunicação para a sociedade estabelecendo,

assim, um diálogo que não constitui um fim em si mesmo, mas um meio cujo objetivo maior é construir e reafirmar uma história. A Festa de Folia de Reis é portadora dessa história e estabelece uma relação de performance entre humano e o religioso e entre a memória e a história. As performances segundo Schechner (2007, p.27) afirmam:

Performances artísticas, rituais ou cotidianas – são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar.

A performance envolve os diversos aspectos e linguagens envolvidas tanto nas produções artísticas quanto nos rituais, religiosidades, festas e no cotidiano do indivíduo em si. A religiosidade popular assume um caráter performático, uma vez que nela estão contidas diversas linguagens, sejam elas musicais, visuais, teatrais, a dança e diversos outros ritos.

Performance pode ser compreendida a partir das diversas ações que são integradas conjuntamente e interagem entre si o indivíduo e o grupo no qual o indivíduo está situado. A performance não acontece isoladamente, mas passa tanto pelo coletivo como pelo comunitário. Desta forma, vincula-se de forma latente às questões da cultura popular e, sobretudo, à religiosidade popular, especificamente nos ritos e práticas. A performance passa a ser construtora de identidade social e assume o seu caráter social como suas perspectivas dentro de seus dramas e tramas, observando logicamente o seu caráter estético que corresponde às manifestações enquanto construtora de enredo.

A intenção da pesquisa é abordar a Folia de Reis de Quirinópolis como manifestação da cultura popular e provocar, assim, uma análise da rotina de vida das pessoas que se envolvem na fé popular, perfazendo um território de performance entre sagrado e profano na festa.

A chegada das Folias de Reis ao Brasil está ligada à evangelização dos nativos e negros. Ao longo dos tempos, no entanto, sofreu modificações ao serem inseridos novos elementos, incorporadas características típicas dos negros, indígenas e de outras culturas em sua estrutura.

Quando se fala em Folia de Reis é impreterivelmente necessário saber que ela constitui não somente o âmbito de um ritual religioso ou mesmo uma forma de



expressão da religiosidade ou mera religião. A Folia de Reis antes de mais nada é expressão da cultura popular brasileira e faz parte da história brasileira desde os tempos da colonização portuguesa. A origem da Folia de Reis no território brasileiro pode ser remontada ao processo colonizador brasileiro, ou seja, à chegada dos portugueses que trouxeram suas tradições, hábitos, religiosidades e manifestações culturais. Evidentemente quando da chegada em terras brasileiras tais expressões ganharam novos significados, novas roupagens e, sobretudo, novos acessórios, cores e tantas outras adaptações e transformações.

Também torna-se evidente que a Festa da Folia de Reis está intimamente ligada à questão rural, ou seja, à sua permanência dentro das práticas culturais, assim como a sua aceitação está vinculada ao fato de que o Brasil, e não diferentemente Goiás, tem diversas tradições arraigadas na condição da vivência da população no meio rural, onde a assistência “oficial” torna-se esporádica, sendo necessária a auto-organização popular para expressar suas tradições. Especificamente sobre a religiosidade popular é necessário frisar que a Igreja Católica durante o período de colonização brasileira não tinha uma logística de assistência com o seu clero, uma vez que o número destes era insignificante perante o crescimento da colônia e o avançar para o interior do continente. Desta forma a população mantinha sua religiosidade de acordo com as suas possibilidades.

No período colonial a religiosidade passava a ser praticadas por meio de diversas manifestações como cultos, promessas, procissões, festas, novenas, entre outras práticas religiosas que já tinham sua tradição arraigada na tradição portuguesa. Anexadas às práticas religiosas ou piedosas estavam situadas as festas, bailes, leilões, rodas de cantoria entre outras que serviam para marcar a confraternização e o encontro entre os “vizinhos” que por vezes se falaram penas nestas manifestações.

A religiosidade popular brasileira expressa em suas festas, nos rituais e celebrações místicas, tem suas raízes assentadas na sociedade colonial, arraigadas ao cotidiano do mundo rural. Essa religiosidade, identificada por muitos estudiosos como ‘catolicismo tradicional’, se caracterizou pelo seu caráter leigo e familiar em oposição ao clero oficial, marcado por uma relação patriarcal e clientelista, própria da colônia. Distantes dos centros urbanos, cercada pelos latifúndios, a economia de subsistência propiciou aos ‘crentes rurais’ recriarem, a partir dos dogmas do catolicismo romano, muitas vezes mudando o seu funcionamento, práticas muito próprias, muito suas, em consonância com a vida que levavam (...) (ABREU, 1999, p. 11).

Observa-se claramente que a origem do dito “catolicismo tradicional” se encontra arraigado dentro do universo colonial, onde predominava o “mundo rural”. A relação laica<sup>10</sup> existente propiciou o surgimento deste tipo de catolicismo que se torna independente do Catolicismo Romano observando seus preceitos, mas manifestando-se de maneira própria.

Desta forma observa-se que ao longo dos séculos a Festa de Folia de Reis passou por um processo de reinvenção contínuo, trazendo para dentro de si elementos que originalmente poderiam não fazer parte das mesmas. Evidentemente não somente a Festa de Folia Reis, mas também outros tipos de religiosidades populares sofreram influência de locais e culturas, principalmente de imigrantes que vieram de diversas regiões do mundo, principalmente essas manifestações da religiosidade popular sofreram influência sobretudo da religiosidade escrava com suas cores, ritos e expressões.

A Folia de Reis tem sua origem nas festividades que envolvem a época do Natal, rememorando o período que a Igreja Católica denomina Epifania. Sobre a sua origem e sua chegada no Brasil é importante lembrar que

A literatura indica que a tradição da ‘Folia de Reis’ teria chegado ao Brasil por intermédio dos portugueses no período da colonização, uma vez que, essa manifestação cultural era realizada por toda a Península Ibérica sendo comum a doação e recebimento de presentes a partir da entoação de cantos e danças nas residências (PURGA, 2007, p. 01).

Essa mesma tradição é trazida para o Brasil via colonizadores portugueses que transferem muito mais que suas residências, mas também um estilo de viver e uma cultura que passa a ser experienciada também em território tupiniquim. Faz-se necessário ressaltar que a partir de então diversos elementos são agregados à maneira de festejar e transpor o cotidiano das religiosidades. Sobre a chegada da Folia de Reis no Brasil é preciso ressaltar:

---

<sup>10</sup> Entenda-se como laico o que está fora da hierarquia da Igreja.

Surgido no Brasil no século XVI, por volta do ano de 1534, por meio dos Jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros escravos. Dessa forma, a Folia de Reis brasileira passou a ser composta pelas manifestações culturais de diversas etnias e povos, com variações regionais, seja quanto ao estilo, ao ritmo e ao som, entretanto, mantendo a mesma crença e devoção ao Menino Jesus, a São José, à Virgem Maria e aos Reis Magos (PURGA 2007, p. 01).

Nota-se que ao longo dos anos a Folia de Reis sofreu diversas mudanças e hoje é apresentada de diversas formas nas mais variadas regiões brasileiras. Mesmo sendo fruto de uma mesma tradição, a portuguesa, a Folia de Reis também assume um caráter singular em cada região com elementos, símbolos e rituais próprios que demonstram assim os elementos agregados por diversas culturas de diversos lugares. Assim, a Folia de Reis brasileira assume características diferentes da praticada em Portugal.

Sabe-se que no Brasil Colonial a questão religiosa era precária e procurava-se evangelizar, mas o número do clero presente era insuficiente para atuar de maneira expressiva na colônia. A religiosidade no Brasil, portanto, era marcada pelas manifestações de fé em massa como manifestações externas de fé. Nesta perspectiva, nota-se que as manifestações religiosas eram ministradas por leigos que criaram um ambiente religioso paralelo ao que oficialmente o era, formando assim um Catolicismo Popular no Brasil, como afirma Azzi (1978, p.154-5):

Outro aspecto que merece consideração é a força do laicato dentro do catolicismo popular tradicional. É óbvio que esse aspecto só pode ser perfeitamente compreendido dentro do regime de padroado. (...) Os leigos não se consideram meramente assistentes do culto religioso, mas verdadeiros promotores da fé católica. (...) Em suma, é evidente que no catolicismo popular o laicato é verdadeiramente ativo e operante na área religiosa.

Características nítidas desse Catolicismo Popular podem ser notadas nas Folias de Reis, tais como:

A figura do santo, onde tudo parece girar ao seu redor; o Oratório Familiar, onde apresenta a casa como lugar sagrado, e é protegida pelo Santo, quando este a visita; o Oratório na rua, que é a referência para a comunidade em si, manifestado pelos mastros, cantorias públicas, entre outros; o Oratório ambulante, que leva a imagem do Santo – e também sua proteção, aos oratório familiares, pedindo esmolas para algum feito (PALEARI, 1990, p. 67).

Estas características básicas de um Catolicismo Popular se entrelaçam perfeitamente às características ainda vivenciadas pelas Folias de Reis. Em Quirinópolis, a Folia de Reis fora introduzida em um contexto que remonta ao Brasil Colônia - a falta de representantes do clero para atender a região levou os leigos a assumirem a função.

A introdução desta Festa na localidade mencionada, no entanto, ainda é desconhecida e não existe nenhuma documentação, relato oral ou escrito que remeta a sua introdução no município de Quirinópolis. No entanto, sabe-se que a Festa e isso pode ser percebido pelo relato de D. Vicensa Andrade (2010), tem como característica principal a de ser uma festa feita por famílias. “A Coroa sempre passada para um membro da família, a fim de se manter a tradição” (ENTREVISTA 04/06/2010)<sup>11</sup>.

Dentro desta perspectiva, a Festa inscreve-se em um contexto que remonta a uma tradição familiar que sempre tem como finalidade agradecer pelos “dons recebidos de Deus”, pela colheita e, acima de toda e qualquer finalidade, “pagar” uma promessa.

A problemática recai como interpretar a Festa de Folia de Reis em Quirinópolis como performance? Esclarecer tal questão exige entender como o ritual da festa acontece e para tanto é interessante entender como a religião popular se materializa na memória local. Para Brandão (1986) a melhor maneira de se compreender a cultura popular é por meio de estudos sobre a religião, pois para ele é ali que ela aparece viva e multiforme, existindo em um estado constante de luta por sobrevivência e autonomia. A cultura popular, portanto, assume a figura, ou melhor, o contexto da religião popular a qual configura lugares de memória que são representações da festa, oração, benzições entre outros, portanto é imprescindível trabalhar com conceitos e metodologias ligados ao campo das reflexões sobre performance aqui compreendida como representação. A Festa de Folia de Reis se baseia no mito de origem, como se pode observar em Matheus (2,1-12)

---

<sup>11</sup> Reside em Quirinópolis há mais de 60 anos; é uma pessoa religiosa e devota de Santo Reis (Entrevista em 04/06/2010)

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo. A esta notícia, o rei Herodes ficou perturbado e toda Jerusalém com ele. Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de nascer o Cristo. Disseram-lhe: Em Belém, na Judéia, porque assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo. Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse: Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo. Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho (BIBLIA, 2009, p. 1285,).

A origem da festa da Folia de Reis se junta à origem do cristianismo e se torna referência em todas as ações que acontecem durante a festividade. A conceituação da festa, antes de assumir seu caráter enquanto festividade, assume, também, um caráter religioso. Assim, se junta o nascimento de Cristo com a Folia de Reis. No Novo Testamento da revelação a Maria, do nascimento do menino Jesus aos fatos posteriores, a visita dos Reis Magos à manjedoura Zeca Ligiéro (1998, p.8) afirma:

O conceito pode ser também aplicado a apresentações musicais, comícios políticos ou à retórica de um conferencista.(...) Portanto o estudo da performance cobre uma vasta área que inclui a análise dos diversos elementos componentes da performance. Bem como a sua dinâmica de interação, o seu contexto histórico e a sua repercussão na cultura popular.

A Festa é realizada nos meses de dezembro e janeiro. Geralmente a Folia sai no dia 26 de dezembro e o dia de retorno é 06 de janeiro, já com as prendas e doações angariadas durante as visitas nas fazendas.

O rito acontece em forma de andanças realizadas em busca de alimentos e cantando as ladainhas do terço. Todos os participantes têm seu papel definido como numa peça teatral que remonta à tradição cultural, preservada de geração para geração, principalmente pela tradição oral e por este motivo há uma grande

diversidade cultural de região para região. Basta observar as imagens da festa de D. Vicença Andrade<sup>12</sup> da festa de 1979:

Foto 01: A Festa de Reis na região do Paredão em Quirinópolis - GO - 1979<sup>13</sup>



Fonte: Arquivo Particular de Vicença Andrade

A imagem da festa revela a representação de duas gerações das famílias, Andrade, Alves e Ribeiro. Ao trabalhar com as imagens deparamo-nos sensibilizados com as lembranças e os ressentimentos que estas evocam nos depoimentos emocionados de “jovens” e “velhos” diante da imagem, ou melhor, o que arde no fogo da memória onde estas lembranças podem revelar o “não dito” na história da cidade.

Este turbilhão de emoções da percepção do vivido, das experiências históricas individuais e coletivas se confunde com o que vemos e é neste momento que se avalia e identifica a importância de construir um diálogo com uma prática inerente ao ofício do historiador, qual seja a crítica documental.

O desafio tornou-se, então, a tentativa de traduzir as imagens que possibilitem a exploração dos vestígios que são as fotografias de outros tempos.

---

<sup>12</sup> Reside em Quirinópolis há mais de 60 anos; é uma pessoa religiosa e devota de Santo Reis (Entrevista em 04/06/2010).

<sup>13</sup> A imagem mostra a Dona Vicença e duas gerações (filhos e netos). Foto de autor desconhecido, contratado por dona Vicença, de Uberlândia – MG. Mostra a sacralização do espaço.

## 2.4 Uma leitura sobre a Festa

Observemos a foto “A Festa de Folia de Reis”

Foto 02: Festa de Folia de Reis de 1979, Região do Paredão<sup>14</sup>



Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

Sente-se a satisfação prazerosa da leitura da imagem que retrata as pessoas, os instrumentos musicais, a rainha, a bandeira, os vestuários e o local, ou seja, revive-se a temporalidade vivida e enquadrada de uma época. Neste contexto visual podemos coletar o imaginário por meio do movimento que mostra um tempo como representação religiosa.

São notórias as histórias e histórias da festa narrada pelos devotos, nas imagens, da bandeira, arcos, do altar, presépio, palhaços, da coroa, como os relata o Senhor Waldemar Barcelos Vitorino:

A festa a gente não esquece, naquele tempo, tinha união, todos as pessoas ajudava com que podia em cada casa que os foliões passa pedem algo já os festeiros só era se estivesse pagando uma promessa tempo bom que não volta mais (ENTREVISTA 04/04/, 2010,)<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> A imagem mostra a bandeira atravessando o 3º arco. Foto de autor desconhecido, contratado por dona Vicença; de Uberlândia – MG. Mostra a rainha o rei e os foliões.

<sup>15</sup> Com 79 anos, faz parte da peregrinação da Festa de Santo Reis desde 2 anos de idade, relata o tempo, com saudade (tempo bom que não volta mais).

A bandeira, o altar e o presépio representam o sagrado, momento de devoção e cumplicidade dos devotos, a imagem pintada na bandeira (Maria com o menino Jesus, e os três reis Baltazar, Beuchior e Gaspar), mas torna-se profano no momento que são colocados os enfeites de pagamento de promessa que vão desde foto da pessoa até o dinheiro tudo pertence à cultura popular de grande parte dos quirinopolitanos como Teodora Barcelos de Almeida<sup>16</sup> nos confessa:

Falar da Bandeira...Chego a fica emocionada(silêncio, lágrimas, tristeza por uns segundos) a folia saia de dentro da minha casa então nois fazia tudo arrumava os ternos para eles sai. Nunca pensou que não pagava a pena....as benção era muita (ENTREVISTA 20/01/2011)

Foto 03: Arco da festa de Santos Reis – Pedra Liza de 2011<sup>17</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

São três os arcos mostram os caminhos aos reis e, representam as correntes que deve ser cortadas para se chegar ao menino Jesus; são enfeitados com flores de papel, flores e folhas do local, como guariroba e bacuri; tudo é confeccionado pela a mulher do festeiro, a qual é auxiliada por outras. Os arcos demarcam um

<sup>16</sup> Com 83 anos, segue a folia desde criança, sobrinha do 1º Capitão de folia de Quirinópolis, capitão da festa na Região da Pedra Lisa. Entrevista em 20/01/2011.

<sup>17</sup> A imagem mostra a peregrinação dos foliões e dos devotos passando debaixo dos arcos na festa de Folia da região da Pedra Lisa 2011. Foto da autora. Ao fundo rainha e o rei ouvindo a cantoria pedindo permissão para chegar ao altar.



caminho sagrado e abençoado por Deus iluminado de amor e devoção, como relata Dona Teodora: “Já tem as pessoas responsáveis para enfeitar o local então as mulheres passam vários dias fazendo rosa, bandeira, as correntes, tudo para Santos Reis todo dia você doa as bença recebida”.

Foto 04: Altar da festa de Santos Reis – Pedra Lisa de 201118



Fonte: Arquivo particular da autora

Depois de terem superado as barreiras que impediam a chegada ao menino Jesus eis o altar, lugar sacralizado, organizado pela mulher do festeiro com ajuda das outras mulheres que são representadas pela mais velha; no altar é obrigatório ter o presépio com as imagens de Maria, os três Reis, os animais e o menino Jesus e na Região da Pedra Lisa ele é montado em cima do carro de boi que foi utilizado pelos primeiros foliões, também ornamentado com as mesmas flores e ramos. O diferencial é que o local foi eleito pelos devotos para depósito das oferendas que vão desde foto até roupa, como relata Teodora Barcelos de Almeida “Aquele carro era do meu pai, e toda folia meu tio Cabrinha saia e meu irmão era o palhaço ele foi palhaço até morrer”

---

<sup>18</sup> A imagem mostra o altar da festa de Folia de Reis de 2011 na Região da Pedra Lisa. Foto da autora. Percebe-se na imagem o depósito de uma vestimenta de anjo pagando promessa.

Foto 05: Folia com o palhaço à frente capitaneada pelo Sr. Paulo Benedito da Silva – Sete Lagoas 1990<sup>19</sup>



Fonte: Arquivo Particular de Paulo Benedito da Silva

O palhaço possui dupla interpretação entre o bem e o mal. Em algumas folias representa os soldados de Herodes, a natureza humana perversa, má, ou até mesmo diabólica; em outras representa o que fora convertido e preservara a vida do menino Jesus por isso sua função fica entre o profano e o sagrado do humano. Sua função é chegar à casa antes dos foliões e representando neste momento o homem arrependido pede permissão para os Santos Reis entrar; então retorna ao encontro dos companheiros e dá o sinal de aprovação da casa para contarem e pedirem doações.

Ainda há a versão de que sua tarefa é visitar a casa antes (todos os cômodos), mostrar os santos de devoção da família, bem como observar se há algum enfermo na casa a ser visitada para que o Capitão cheque cantando e saudando os santos de devoção da família e também pedir benção ao doente, assim “parece” que adivinhava o que se passa no seio daquela casa.

Já feito o seu serviço ele pega coisas como retrata o Sebastião Vitorino<sup>20</sup> “o palhaço...é coisa do diabo pois rouba as coisa, galinha, milho, abobrinha, mas...(emocionado com os olhos cheio de lágrima) é coisa de Deus né, ele ajuda o capitão a ver as coisas que passa”.

<sup>19</sup> A imagem mostra a folia com o palhaço a frente capitaneada pelo Sr. Paulo Benedito da Silva – Sete Lagoas 1990. Ao fundo a peregrinação dos foliões e fieis.

<sup>20</sup> Sebastião Vitorino mora na Fazenda Bom Jardim, é devoto de Santos Reis participa da festa todos os anos, hoje com 79 anos. Entrevista 05/06/2010.

É um personagem misterioso, alegre, cínico e dissimulado que sempre usa máscara e roupa colorida estampada; na presença do presépio retira a máscara e fica de joelho pedindo perdão pelos erros cometidos tanto da vaidade como da luxúria contempla o presépio como se estivesse sentindo o perdão dos seus pecados cometido na viagem.

A Festa da Pedra Lisa de 2011 não contara com a presença do palhaço, pois aquele que o representava (irmão de D. Teodora) faleceu e não houve candidato ao cargo, já que é preciso ser jovem, esperto e arteiro, papel que a “geração moderna” não está disposta a representar.

Foto 06: Rei e Rainha, príncipe e princesa – Festa Folia de Santos Reis – Pedra Lisa 2011<sup>21</sup>



Fonte: Arquivo Particular da autora

Já a coroa de Rei e Rainha que os festeiros usam simboliza que eles são as pessoas responsáveis pela festa em homenagem aos santos Reis, por isso passa o ano todo organizando a festa. Todas as pessoas que doam o trabalho na véspera ou após a festa são comandados e obedecem às ordens do Rei e da Rainha, os guardiões da profecia.

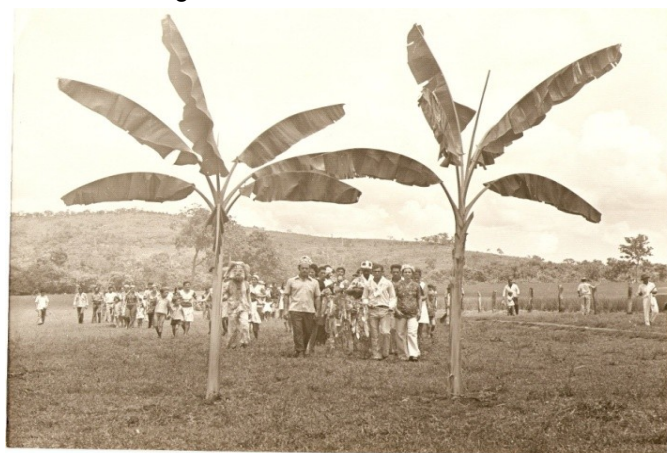
A imagem, assim sendo, pode parecer muito comum e atual e a narrativa nos leva ao tempo presente e nos remonta a outro tempo, o “ontem”, por meio da permanência de símbolos, rituais e significados. Dessa forma, à pergunta sobre quando aquela Festa aconteceu, as respostas são, a priori, insondáveis. Pelo

---

<sup>21</sup> A imagem mostra o Rei e Rainha, príncipe e princesa – festeiros de 2011 na Região da Pedra Lisa. Foto da autora. Representação de poder divino.

caráter do acontecimento, levando-se em conta o vestuário, a forma do grupamento, enfim, o ritual em si, muitos podem entendê-lo como “atual”, característico do tempo presente.

Foto 07: Chegada da Folia na Fazenda Paredão em 1979.<sup>22</sup>



Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

Esta chegada representa o primeiro arco da festa, e simboliza as barreiras atravessadas pelo homem que quase impedem a chegada dele ao menino Jesus, como Vicença Andrade afirma:

Na fotografia encontramos o momento em que o rei e rainha da festa recebem os foliões e juntamente com eles rompem ‘a última barreira’ que os impedia de chegar até ao menino Jesus, representado pelo presépio (ENTREVISTA em 04/06/2010)<sup>23</sup>.

O ritual inicia-se com a música para pedir a permissão de entrada e angariar donativos para a festa, um momento mágico em que se percebe a transcendência na fé. Neste momento a emoção dos presentes é enigmática, pois o capitão segura a bandeira e entra cantando e pedindo benção e proteção para aquela família; ele percorre todos os cômodos da casa e então fica na porta de saída e os proprietários formam uma fila para entregar suas oferendas e beijar a bandeira; estas oferendas

<sup>22</sup> A imagem mostra a rainha, o rei, o palhaço e os foliões da festa de Folia de Reis de 1979 chegando ao primeiro arco que simboliza a 1ª barreira encontrada pelos Reis na visita ao menino Jesus. Foto de autor desconhecido contratado por dona Vicença, de Uberlândia – MG. Arquivo particular de Dona Vicença Andrade.

<sup>23</sup> Reside em Quirinópolis há mais de 60 anos; é uma pessoa religiosa e devota de Santo Reis (Entrevista em 04/06/2010).

vão desde uma fotografia de uma pessoa que recebeu uma graça até a doação de dinheiro que é espetado na bandeira como sinal de agradecimento pelas colheitas abundantes. Outro tipo de doação são as oferendas como porco, vaca, galinha, bezerro dentre outros que, posteriormente, são recolhidos por uma comitiva responsável pelo leilão das oferendas, sendo tudo sinal de agradecimento a Deus.

A Festa de Folia de Reis segundo o Pe. Jaso (ENTREVISTA 01/03/2007)<sup>24</sup> tem por sua essência “sacralizar um espaço, ou seja, tornar sagrado, elevar aquele espaço, objetos, pessoas, a encontrar-se com o transcendente”

A Festa de Folia de Reis que acontece todo ano no dia 6 de janeiro é reconhecida como ícone da “tradição” católica em Quirinópolis E tal afirmação pode ser feita a partir da observação de que na mesma data as igrejas católicas apostólicas romanas fazem a liturgia voltada para a epifania dos reis magos. E em Quirinópolis as celebrações religiosas trazem para a homilia os objetos comuns nas festas da região (os Santos Reis, os foliões se vestem a caráter e cantam a folia como liderança simbólica) da liturgia, sendo que são pessoas comuns e que nem sempre fazem parte da igreja institucionalizada.

Para Giorgio Paleari (1990) a religião popular é uma forma de resistência aos poderes dominantes como o da própria Igreja institucionalizada. Já para o padre Jaso (Entrevista 01/03/2007)<sup>25</sup>:

Ao longo da história, em todos os povos e culturas, nós sempre tivemos uma religião institucionalizada, com ritos, leis e sempre tivemos a manifestação aberta do povo, manifestando, podemos assim dizer, o mesmo Deus de formas diferentes. Então a religiosidade popular no Brasil, por um lado, não foi uma forma de combater a institucionalização e sim uma forma de viver, uma vez que o clero estava bem ausente, de forma principal no período colonial, onde o clero era secretário do Estado, ausente da vida do povo. E o povo foi criando elementos e rituais próprios onde eles mesmos dominavam. E com o tempo a Igreja foi tomando consciência disso e começou a abocanhar essas coisas e trazê-las para si. Mas, concordo com o autor, que é uma resistência contra os poderes dominantes como, por exemplo, enquanto na Casa Grande se realizava rituais oficiais, nas senzalas, os negros, escravos, faziam seus rituais próprios, como maneira de manifestar sua própria identidade.

---

<sup>24</sup> Pe. Jaso Ribeiro Silva Junior, depoimento 01/03/2007, entrevistador W. L. Andrade, 12 minutos. In: Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História ANPH.2007.

<sup>25</sup> Idem.

E completa:

Para uma visão, fora do poder civil, dentro somente de uma esfera religiosa, para muitos é visto como uma forma profana colocando elementos religiosos. Então é vista com muita desconfiança, com muito, podemos dizer, desprezo.

Giorgio Paleari (1990) mostra que para se combater o Catolicismo Popular, em que o clero não tem um papel fundamental no controle religioso, a Igreja começou a efetuar um processo denominado romanização, no qual o elemento fundamental para a salvação individual eram os sacramentos. Estes, por sua vez, só poderiam ser administrados pelo Clero, legitimando, assim, o monopólio e controle do sagrado dentro também do Catolicismo Popular. Para Pe. Jaso (ENTREVISTA 01/03/2007)<sup>26</sup> esse processo está presente hoje dentro das estratégias da religião:

Está presente e sempre continuará presente, uma vez que o poder central e controlador da fé católica está em Roma e de lá emana os documentos oficiais para todo o mundo, não somente para o Brasil, mas para todos os continentes. Porém a religiosidade popular ela vai continuar com seus elementos próprios, independentemente dos sacramentos. Por exemplo, nossas pessoas batizam suas crianças na fogueira, batizam suas crianças em casa e depois eles vem, por exigência da Igreja, batizar na Igreja também. Então hoje eu vejo uma convivência ou até um sincretismo, podemos assim dizer, um misto da religiosidade popular e da religiosidade tradicional, e uma predominância muito maior da religiosidade popular. Por exemplo: para muitos católicos é muito mais importante um terço do que uma missa; terço que a rezadeira puxa e reza do que uma missa que é celebrada pelo padre. Porém com a romanização trouxe a Sagrada Escritura, a Bíblia, e quanto mais o povo vai conhecendo a Escritura, mais vai purificando a religiosidade popular. Então hoje nós temos uma religiosidade popular mais consciente, mais bíblica, mais purificada.

Giorgio Paleari (1990) ainda mostra que o processo de romanização também consistiria no combate ao Catolicismo Popular ao transportar seus elementos para controle do clero ou extinção de alguns elementos ditos profanos. Para Pe. Jaso

---

<sup>26</sup> Pe. Jaso Ribeiro Silva Junior, depoimento 01/03/2007, entrevistador W. L. Andrade, 12 minutos. In: Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História ANPH. 2007.

(ENTREVISTA 01/03/2007)<sup>27</sup> como a igreja lida com a religião popular, parte de um princípio de exclusão ou de aceitação dos aspectos populares:

Quando nós falamos de Igreja, nós falamos de um universo muito grande. Setores significativos da Igreja vê como um processo de inclusão. Para muitos vê como um processo de profanização. Então nós temos que lidar com isso com uma forma de muito equilíbrio. Na Igreja que eu procuro conviver, que é a mesma Igreja também, mas de forma mais aberta, nós procuramos acolher, valorizar e respeitar e, ao mesmo tempo, convidando estas pessoas para a comunidade oficial para o que é oficial.

Por alguns anos o Pe. Jaso (Entrevista em 01/03/2007)<sup>28</sup> respondeu como pároco da Paróquia de Quirinópolis e por um tempo foi o único padre da cidade. Durante este período observou-se uma agregação de elementos da religião popular (Catolicismo Popular) a elementos trabalhados na religião institucionalizada como as novenas, festas dos santos, agregação da missa na Novena de São José, entre outros. Quando questionado se este processo se deu no sentido de legitimar a institucionalização da religião em Quirinópolis ou simplesmente valorizar os festejos populares ele argumenta:

O documento de Puebla, que é de 1979, do Conselho do Episcopado Latino-Americano, do CELAM, ele incita toda a Igreja oficial a acolher com amor as manifestações puramente populares, porém religiosas. Então o que se dá, que se deu e continua se dando em Quirinópolis, em boa parte, é esta simbiose: os mesmos católicos da religiosidade popular são os católicos da Igreja oficial. Então é uma forma de acolher, valorizar, purificar e ao mesmo tempo manter a comunhão para que não haja duas igrejas, uma popular e uma oficial, mas que haja uma única Igreja do Senhor, e nesta única Igreja do Senhor está presente todas as camadas sociais e ela deve acolher e valorizar e não somente os festejos, mas a manifestação religiosa de nossa gente (Entrevista em 01/03/2007).

---

<sup>27</sup> Pe. Jaso Ribeiro Silva Junior, depoimento 01/03/2007, entrevistador W. L. Andrade, 12 minutos. In: Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História ANPH. 2007.

<sup>28</sup> Idem

A festa é um território lúdico no qual se exprimem igualmente atos coletivos e ligados diretamente à relação do homem com sua fé, uma união do Catolicismo Popular com a cultura local, marcando o território da tradição e passando por uma realidade transcendente ao que comumente se chama de sagrado, mas ela se materializa propriamente nas coisas “mundanas”, ou seja no profano.

A palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências envolvendo uma divindade, de outras experiências que não envolvam consideradas profanas (ROSENDAHL, 1999, p. 231).

As sacralizações do espaço da festa podem ser vistas pela imagem onde a festa foi realizada no curral, havendo toda uma preparação para a sacralização do espaço. Este é enfeitado com folhas de bacuri, coberto de lona e um altar improvisado no fundo; os foliões chegam à frente; o rei, a rainha e o capitão entram com a bandeira e o palhaço já os espera como se pode observar na imagem de 1979:

Foto 08: Detalhe da entrada da Folia no "Espaço Sagrado" da Festa de Santos Reis em 1979<sup>29</sup>



Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

<sup>29</sup> A foto marca o lugar sagrado, local que só poderá ser pisado depois que a Folia entrar. Aguardam a sua chegada o palhaço e as crianças menores de 7 anos que representam os anjos. Foto de autor desconhecido contratado por dona Vicença, de Uberlândia – MG. Arquivo particular de Dona Vicença Andrade.



A manifestação do sagrado no mundo se dá pela hierofania que etimologicamente significa algo de sagrado que se revela conforme nos atesta Eliade (1992). Hierofania é, portanto, a manifestação do sagrado em objetos, formas naturais ou pessoas.

O sagrado também se expressa, posteriormente à hierofania, através da Epifania. A epifania é a festividade religiosa com que se celebra a aparição ou manifestação divina. A festa cristão da Epifania, em 6 de janeiro, o Dia de Reis, comemora a primeira manifestação de Jesus aos gentios, representados pelos reis magos...(LOZI, 2003, p. 03).

A Folia de Reis é, então, uma epifania que comemora uma hierofania e promove a integração da divindade e o sagrado com o mundo material e toda a sua representação simbólica.

## 2.5 A performance da festa e a iconografia

A proposta deste trabalho é analisar os aspectos da performance nas Festas de Folia de Reis em Quirinópolis e então cabe-nos apelar para os acervos particulares de fotografias, relatos orais, recortes de jornais e tudo que leve a uma compreensão da festa na localidade, pois não existe nenhuma documentação oficial nas quais seja possível colher informações a fim compreender a temática em questão.

Foto 09: O caminho percorrido pela Bandeira na Festa na região do Paredão em 1979<sup>30</sup>



Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

As fotografias tecem na memória a imagem de um tempo que tem significado relativo à própria composição física e histórica da festa de Folia de Reis. É uma escolha de imagem que nos leva a fazer uma interpretação possível da vida cotidiana e suas paisagens relacionando homem e religião. Ressalta-se que as fotografias aqui não foram criadas para uma leitura histórica, mas sim por pessoas comuns que vêm no registro as suas histórias de vida enquadradas sob a sua mensagem. Contudo, considerando os limites e as possibilidades de leitura das fontes estamos diante de um campo de riscos para a pesquisa como nos adverte Burke (2004, p.18):

Há perigos evidentes nesse procedimento. Para utilizar a evidência de imagem de forma segura e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fontes, estar consciente de suas fragilidades (...) mesmo as fotografias não são reflexos puros da realidade.

As imagens da festa de Folia de Reis guardadas nos baús apontam os seus sentidos plurais a partir das relações espaço, tempo e história. Uma tensão semelhante se manifesta quando o olhar se desvia da história do tempo corrente para a história do tempo passado e leva-nos às experiências já adquiridas que

---

<sup>30</sup> Os Foliões cantam o hino de entrada e a Bandeira do Santos Reis vai passando e derramando suas bênção, as pessoas louvam e agradecem. Foto de autor desconhecido, contratado por dona Vicença, de Uberlândia – MG. Arquivo particular de Dona Vicença Andrade.

podem ser vividas, lembradas ou esquecidas. Assim, as imagens da festa são um lugar de memória, as quais são consideradas fatores linguísticos decisivos para reescrever a história da Festa Folia de Reis.

Foto 10: A Bandeira chegando ao Altar da Festa na região do Paredão em Quirinópolis em 1979<sup>31</sup>



Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

As fotografias, entrevistas e até mesmo participações em certas festas permitem-nos afirmar que há sacralização do espaço, pois o terreno é ligado a uma divindade nas músicas, orações, recitação do terço, nas visitas feitas às famílias em nome dos Reis Magos, dentre outras características que não podem ser classificadas de outra forma porque levam a uma experiência mística, uma experiência com o transcendente. A Festa passa pela manifestação da fé popular que “sacrifica” o espaço, a vida, a história das pessoas que ali depositam sua crença. Aqui o termo sacrificar remete etimologicamente à origem da expressão sacrifício que é derivado da expressão latina *sacra facere*, ou seja, tornar sagrado.

Em Quirinópolis, as Folias de Reis tem um ritual materializado na transmissão da tradição como firma o Sr. Sebastião Vitorino (ENTREVISTA em 05/06/2010)<sup>32</sup>:

<sup>31</sup> A imagem mostra o Rei e a Rainha que rendem homenagem ao Santo Reis na festa. Foto de autor desconhecido contratado por dona Vicença, de Uberlândia – MG. Arquivo particular de Dona Vicença Andrade.

<sup>32</sup> Sebastião Vitorino, mora na Fazenda Bom Jardim, é devoto de Santos Reis participa da festa todos os anos, hoje com 79 anos. Entrevista 05/06/2010.

Eu vi a folia chegar na casa do vô, e os homens vinha da roça para receber né, as mulheres se ajoelhavam, então todos rezavam, tinha o palhaço né que roubava coisa, ele sempre chega na frente né, me dava vontade de chora o tanto que era bonito, eu aprendi com meu pai, meu pai aceitou a folia chegar em sua casa, por 80 anos, quando ele morreu, ai eu puxei a responsabilidade pra mim, sou o filho mais velho então tenho que agradecer a Deus recebendo a folia e doando alguma prenda em agradecimento pela famia.

Foto 11: Foliões da Festa de Santos Reis na região do Paredão em 1979<sup>33</sup>



Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

A fala do Sr. Sebastião Vitorino relata um processo de transmissão de conhecimento que está intimamente vinculado às suas vivências cotidianas, assim denunciando que não há ruptura entre a lembrança da festa. É preciso entender que momentos como as festas de Santos Reis extrapolam a realidade cotidiana das pessoas que vivem um tempo e representam toda a superstição e encantamento de outro tempo, mas não rompem com a história. É necessário ter acesso ao cotidiano dos indivíduos, já que os principais elementos, sobretudo as da tradição, são encontrados na narrativa deles.

---

<sup>33</sup> A imagem mostra os foliões cantando para o recebimento de ofertas na festa de Paredão de 1979. Foto de autor desconhecido, contratado pela D. Vicença, de Uberlândia – MG.

Foto12: Encontro da Folia de Reis em procissão na Festa de 1979<sup>34</sup>

Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

Pode-se verificar que o período que antecede à festa é um momento de preparação do ritual que instaura à lembrança os princípios da tradição, manifestação das imagens que não são apenas individuais, mas pertencentes ao coletivo. No trabalho de campo percebe-se o quanto o tempo de preparação é importante para que a festa aconteça. Em janeiro acompanhamos as Folias de Reis da Pedra Lisa, sendo que a saída foi marcada para às 7 horas e no horário combinado ainda não havia chegado nenhum folião. Começaram então a chegar e logo um papo se instaurou. Por volta das 11 horas fomos todos almoçar e após o almoço começou a afinação dos instrumentos seguida de uma oração antes da Folia sair. Enfim, a folia saiu por volta das 13 horas passando por duas casas na redondeza. Não devemos interpretar a saída da folia com três horas após o combinado como um atraso e sim analisar que esse tempo é característica da própria manifestação. O tempo diferenciado da manifestação constatado em nossas pesquisas é responsável pela recuperação de lembranças de um tempo passado.

Os aspectos analisados nos levam à lembrança que gera uma movimentação de sentimentos coerentes com as memórias da manifestação. O capitão da folia relatou como os Três Reis Magos intercederam na sua vida “fizeram-no falar após um derrame, que o deixou mudo”; ele se emocionava a todo momento, como se fosse portador do poder de cura para os devotos de Santos Reis. É fato que as

---

<sup>34</sup> O encontro mostra toda religiosidade e transmissão por meio das famílias. Foto de autor desconhecido, contratado por dona Vicença, de Uberlândia – MG. Arquivo particular de Dona Vicença Andrade.

lembranças presentes na festa são responsáveis por um estado de graça que se manifesta como poder divino.

Após as visitas verifica-se que o processo contrário ocorre, toda movimentação gerada seja a música, o terço ou o pagamento de uma promessa ocupa o espaço do cotidiano e é responsável pela produção de sensações que nada mais são que os sentimentos de fé e agradecimento a Deus, assim mantendo a tradição da festa.

Ao interpretar a imagem da festa vinculada à questão da lembrança percebe-se que esta guarda e desloca a identidade do sentido do ser. Nesse sentido a Festa de Folia de Reis nasce da tradição religiosa que move a lembrança de antigos moradores, os quais vivem o cotidiano, cheios de sonhos, brincadeiras, e tradições. Ecléia Bosi (1994, p.49) destaca que “[...] entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, há confluência de memória e percepção”.

Na lembrança perguntamos se a festa tivesse cheiro o qual seria? Se tivesse gosto qual seria? E ao mesmo tempo os festeiros e visitantes da festa que por ali passaram nos perguntam: e você já provou dessa fruta que é os poderes do Santos Reis? Que tem o poder de transformar, curar as pessoas e transformar suas vidas? Com diferentes formatos e contornos a festa vai fazendo a sua história.

É importante ressaltar que a vida vivida foi selecionada por representar a festa e mostrar sua relação com o homem e o divino. O cotidiano, as condições de vida e o diálogo nortearam a compreensão em apreender a dinâmica entre o tempo e o espaço e elaborar teias e enredo da lembrança.

Trata-se, portanto, de uma questão subjetiva segundo Halbwachs( 1990) sobre o passado vivido que é impossível de ser concebido sem a evocação e localização das lembranças que, por sua vez, devem ser tomadas para o ponto de aplicação dos quadros sociais nessa reconstrução do que classificamos como memória coletiva.

Neste conceito que pode nos parecer contraditório o sujeito é munido de uma sensibilidade nata e seria capaz de recriar o mundo vivido tendo como instrumento a sua sensibilidade e capacidade de induzir, deduzir e concluir a leitura do mundo que ele tenha vivido ou não. Ecléia Bosi (1994, p.44) confessa-nos:

O que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado? [...] em todos os casos, que cada imagem formada em mim esta medida pela imagem, sempre presente, do meu corpo [...] físico social que circunda o sujeito.

Outro conceito oposto afirma que toda lembrança que acumulamos é formada a partir da nossa convivência social ao longo das nossas vidas pretéritas porque somos sujeitos em mutação e a estudiosa adverte:

Para Bergson, o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das idéias. Todo o esforço científico e especulativo de Bergson está centrado no princípio da diferença: de um lado, o par percepção-idéia, por nascido no coração de um presente corporal contínuo; de outro, o fenômeno da lembrança, cujo aparecimento é descrito e explicado por outros meios (BOSI, 1994, p. 46).

A ideia de uma memória individual se apóia mais precisamente na percepção evolutiva do sujeito cuja lembrança ultrapassa e se distancia no tempo além de assumir características pessoais, pois se confunde no processo cognitivo do sujeito que se transformou biologicamente e culturalmente, sofrendo assim as forças das influências dos vários grupos sociais a que pertence.

Enfim, fora desse quadro o sujeito é um indivíduo que ainda trafega na periferia dos acontecimentos sociais mais relevantes. É interessante pensar a memória como fenômeno social a partir da aplicação da sociologia do sujeito enquanto partícipe do processo dinâmico social que gera uma multiplicidade de acontecimentos que vão se processando dentro do quadro dialético da existência humana.

Neste aspecto percebemos que os atores sociais sempre participam da construção simbólica de acordo com suas experiências e apropriam-se de hierarquia como rei, rainha, princesa ou palhaço; e o povo que demarca o seu lugar na sociedade.

Foto 13: Altar da Festa de Folia de Reis da região do Paredão em 1979<sup>35</sup>



Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

Se de um lado aparece o lado sagrado como D. Francisca Suliano (ENTREVISTA 03/04/2010)<sup>36</sup> nos afirma que “a festa de Reis é um lugar da gente rezar, onde todo mundo reza o terço, canta e come e dança...”, aparece também um lado profano, ou seja, que não se liga ao sagrado e até por vezes o contraria. As danças, as bebidas e o lucro que se tem a partir das sobras dos rendimentos são profanos e segundo D. Vicença Andrade<sup>37</sup>, “o lucro varia muito de festa para festa, mas sempre é possível tê-lo”.

A festa que se inicia com a parte sagrada, da religiosidade, após o terço que é o encerramento de todo um teatro, inicia-se a segunda parte da festa que é marcada unicamente pelo Profano. “Vira-se as costas” para o que há pouco foi o ponto central de toda a festividade e mergulha em outro universo que é totalmente contrário ao primeiro, segundo as definições já abordadas.

---

<sup>35</sup> Na imagem os Três Santos e as flores, velas e galho de alecrim que representam vida longa. Foto de autor desconhecido contratado por dona Vicença, de Uberlândia – MG. Arquivo particular de Dona Vicença Andrade.

<sup>36</sup> Morador da zona rural região do Rosa participa da Festa de Santos Reis desde pequeno; hoje está com 75 anos (entrevista em 03/04/2010).

<sup>37</sup> Reside em Quirinópolis há mais de 60 anos; é uma pessoa religiosa e devota de Santos Reis (entrevista em 04/06/2010).



Foto14: Comemoração na Festa de Reis na região do Paredão, "o lado profano" em 1979.<sup>38</sup>



Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

Ao terminar as considerações a expectativa é de ter conseguido demonstrar diante do que fora pesquisado a história, simbologia e a tradição, haja vista que o sentido de pertencimento da Festa de Folia de Reis em Quirinópolis proporciona uma análise identitária local demarcada pelos indícios do cotidiano sobre a história e a memória.

Além disso, são inúmeros os depoimentos apresentados pelos fiéis que afirmam ter participado da festa e obtiveram dessa participação um retorno pessoal e na maioria das vezes ligado à vida financeira e sucesso nos negócios e, principalmente, à saúde que são elementos que levam a uma interpretação da performance da festa e até mesmo elementos que fazem entrelaçar os dois sentidos do sagrado e profano, os quais são meramente opostos.

Ao falarmos da Folia de Reis como tradição identitária nota-se um dado interessante – a maioria de seus participantes foi levada pelos avôs, pais ou familiares. Esse dado evidenciado revela que a tradição contribui de maneira básica para a segurança do ser humano. Isso se dá porque o tempo presente representa a continuidade do passado e a esperança do futuro. Nesse sentido, é possível afirmar que o ritual da Folia de Reis cumpre o importante papel de reunir antigos moradores do lugar, encontrar os amigos, reviver as saudades, ativar a memória que foi

---

<sup>38</sup> A bebida é uma representação do profano da festa a comida é simboliza o sagrado. Foto de autor desconhecido, contratado por dona Vicença, de Uberlândia – MG. Arquivo particular de Dona Vicença Andrade.

construída pela coletividade, reavivar também os valores e crenças. Constrói-se um grupo social como se pode observar na foto abaixo:

Foto 15: A "rainha" da festa e seus familiares em momento de confraternização da festa<sup>39</sup>



Fonte: Arquivo particular de Vicença Andrade

Ao finalizar a pesquisa é possível apontar o ritual da Folia de Reis de Quirinópolis como um mecanismo integrador e identitário no município, mesmo que temporário. Em primeiro lugar porque oportuniza a reunião dos familiares, o encontro dos amigos e reencontro dos parentes e vizinhos. Em segundo lugar porque ao fazer memórias reavivam-se as crenças, os valores e revive-se a saudade; é neste momento que a pessoa entra em contato com a unidade perdida de si mesma, refaz-se, reconstrói-se e combate o grande vazio existencial da contemporaneidade.

---

<sup>39</sup> A Festa como encontro de amigos (familiares vizinhos). Foto autor desconhecido, contratado por dona Vicença de Uberlândia – MG. Arquivo particular de Dona Vicença Andrade.

### **3.ENTRE TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: RITUAIS E PRÁTICAS DA FOLIA DE REIS DA PEDRA LISA**

Ao procurar retratar a Folia de Reis faz-se necessário compreender mudanças e ressignificações que aconteceram ao longo dos anos. Diferentemente de muitas outras tradições que procuram, por meio de uma política de preservação serem engessadas, a Folia de Reis está em constante aprimoramento e mutações, as quais podem ser analisadas, a partir de um ponto de vista, como retrógradas ou mesmo aprimoramento.

Analisar essas ressignificações é analisar a dicotomia e também a aproximação que existe entre tradição e modernidade dentro dos diversos rituais e práticas que estão inclusos dentro do processo da Folia de Reis. É preciso compreendê-las e contextualizá-las dentro de todo o contexto regional, uma vez que estas estão inseridas no contexto comunitário.

Estudar a Folia de Reis da Pedra Lisa é deparar-se e compreender os primórdios da manifestação na região de Quirinópolis, uma vez que esta é segundo relatos a manifestação de Folia de Reis mais antiga do município, tendo chegado à região com tradições provenientes de Minas Gerais. Aos poucos, evidentemente, com a chegada de diversos povoadores da região diversos aspectos de outras localidades do país foram sendo agregadas perfazendo, assim, uma característica específica da Folia de Reis quirinopolitana.

#### **3.1 A ressignificação da Folia de Reis Quirinopolitana**

A Festa de Folia de Reis ao longo dos tempos passou por diversas modificações tanto em seu ritual, quanto em suas práticas e representações. Cascudo (1980, p.336) ao tratar sobre a origem da Folia de Reis e suas modificações firma que

Era no Portugal velho uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos”, ficando evidente a sua modificação ao longo dos séculos. De apenas um festejar a Folia de Reis assumira um caráter amplamente religioso. A Folia de Reis, desta forma, é um testemunho vivo da tradição que é passada de pais para filhos e assim, sucessivamente. No entanto, como a cultura não pode ser congelada, a própria tradição a faz-se dinâmica porque as pessoas não se limitam apenas a reproduzir, mas a construir, através de sua subjetividade, de sua interpretação e ressignificação uma realidade simbólica.

As modificações existentes nesta manifestação da cultura popular não somente quirinopolitana, mas de toda uma dinâmica cultural que com a contemporaneidade assume características diferentes das que tradicionalmente eram atribuídas a elas. As mudanças no âmbito cultural são fruto do processo de urbanização que o Brasil vem sofrendo desde início do século XX, o qual provocou o deslocamento da população do meio rural para o meio urbano.

A Folia de Reis acontece em diversas regiões e passa constantemente por um processo de recriação que perpassa diversos processos desde rituais, símbolos, metodologia, temporalidade, entre outros fatores. Isso porque dentro de um aspecto litúrgico-metodológico se apresenta de maneira independente, ou seja, fora do contexto da religião praticada pela Igreja Romana. A Folia de Reis é uma festividade e uma religiosidade laica, ou seja, está fora do contexto da oficialidade e assume um caráter puramente popular, embora existam elementos sagrados que ocupam a dinâmica da ritualidade oficial.

Evidentemente a Folia de Reis em todos os seus sentidos amplos passa por um processo de ressignificação, ou seja, elementos começam a tomar diferentes significados, assim como ritos e sujeitos. Tais significados ganham dimensões diferentes durante a festa e assumem caráter semelhante aos que já estavam presentes na dinâmica do ritual.

Observando a Folia de Reis de Quirinópolis percebe-se que primeiro a ressignificação ocorre nos seus símbolos e rituais e, posteriormente, a passa pela própria representatividade da festa e dos rituais em si. A Folia de Reis traz para uma comemoração popular a coletividade, uma vez que ela se realiza na presença do grupo. A festa é o momento em que as realidades ordinárias, do cotidiano humano se entrelaçam com as realidades extraordinárias já inseridas nos universos místico e “divino”. Como parte da realidade humana a Folia de Reis apresenta uma série de ritos lógicos que perfaz desde a jornada de trabalho, a caminhada e peregrinação,

passando pela festa e pelo que há de lúdico, onde a mística toma cor e forma. Nela encontra-se o limiar entre o que há entre a arte e a vida, arte pela experiência extraordinária em que há e vida pelo cotidiano. Na Folia de Reis, mesmo sendo analisada a partir de sua performance ou teatralização, encontra-se o cotidiano sendo representado, não há espectadores, mas todos que ali estão fazem parte de seu contexto e são atores, mesmo que anônimos.

A partir desses pressupostos cabe o destaque à Folia de Reis da região da Pedra Lisa de Quirinópolis, a qual pressupõe análise e remontagem da memória popular, visto que a festa se torna expressão do cotidiano do povo quirinopolitano, sendo assim a múltipla vivência coletiva da fé. Na atualidade observa-se a persistência de diversos grupos de Folia de Reis na região, no entanto, são também notados diversas mudanças em sua representação social, bem como em seus significados.

Evidentemente os diversos grupos de Folia de Reis da região de Quirinópolis apresentam diferenças entre os seus ritos e em diversos símbolos, já que a Folia de Reis assume uma forma singular em cada grupo, mas de maneira geral como grande parte das práticas culturais e religiosas apresenta diversas modificações resultantes da experiência da modernidade. As mudanças são comumente percebidas desde o trajeto que a Folia percorre que antes era feito a pé até mesmo às formas de se anunciar a realização da festa, mudando o sentido de demarcação do calendário religioso popular.

A Folia de Reis torna-se um universo religioso a parte, ou seja, é popular e por meio da tradição se concretiza. O próprio Folião tem sua formação nas experiências concretas da vida, assumindo um posto de devoto popular, isto é, o posto de organizador social. Participar da Folia de Reis é mais que continência divina, é um ritual e um aprendizado social longo, para além de uma representação lógica e teatralizada da visita dos Três Reis Magos à gruta onde nasceu o menino Jesus, como expressa a Bíblia Sagrada. Esse discurso passa por uma incorporação e apropriação de elementos próprios do cotidiano popular.

A Folia de Reis em seu ritual é encarada como uma missão e essa jornada é cumprida ao longo de nove dias, perfazendo assim uma novena. O Sr. Horton José Ferreira<sup>40</sup>, popular Nego Tulica, afirma:

A Folia acontece entre os dias 25 de dezembro e 05 de janeiro, a minha folia sempre realiza a festa no dia 05 de janeiro, pode ser qualquer dia, segunda, quarta, a festa é sempre dia 05 de janeiro. Isso representa uma novena e o trajeto que os santos reis fizeram até o presépio (ENTREVISTA 21/11/2010).

Nesta perspectiva a Folia está inserida no cotidiano, fator antes considerado místico. Durante o período em que a Folia está em peregrinação há todo um aparato que legitima a prática com votos e rituais. No entanto, as mudanças estão visíveis para aqueles que fazem parte do processo, como afirma o Sr. Horton José Ferreira:

Hoje a folia é muito diferente de quando eu comecei em 1956. Mudou muita coisa, antes a gente dormia na mata, armava redes e puxava o ronco. Agora a gente tem carro, ônibus, piruá que leva a gente para onde a gente quer. Antes era nove dias no percurso, hoje não quem quer vai até dormir em casa. Os tempos são outros (ENTREVISTA 21/11/2010).

A partir deste relato do Sr. Horton nota-se que os próprios foliões veem as transformações sofridas pela Folia de Reis com a modernidade. Mesmo sendo lembradas com saudosismo, tais modificações inevitáveis são vistas como modernização, ou seja, consequência do avanço da sociedade. “Agora é fácil e melhorou muito pra gente, essas mudanças dessas coisas foi boa demais. Claro que a gente sente saudades dos tempos antigos, mas foi bão”(ENTREVISTA 21/11/2010)<sup>41</sup>. Desta forma, as mudanças ocorridas com o processo de modernização que a sociedade vem passando por um todo já são vistas pelos foliões mais tradicionais como benefício. A modernidade pode ser observado em

---

<sup>40</sup> Entrevista em 21/11/2010 Sr. Horton José Ferreira – Nego Tulica, capitão mais antigo da Folia de Reis da Região da Pedra Lisa, hoje com 79 anos, tem o ofício de capitão desde 17 anos de idade, foi passado pelo 1º capitão Cabrinha.

<sup>41</sup>Idem.

diversas instâncias desde as estruturas físicas do local da festa até mesmo os instrumentos dos Foliões, como continua afirmando Sr. Horton José Ferreira:

Só pra você ver o tanto que essas mudanças foram boas. Antes a gente tinha que rachar a guela para cantar a folia, hoje tem o microfone, o violão da gente afina eletronicamente, isso foi muito bom, é a modernidade que vem de encontro ao que é tradicional, folclore. Outra coisa que mudou muito na região da Pedra Lisa é o local onde é feita a festa, antes lá tinha apenas um limão, hoje já tem banheiro, tem um galpão, tem muita coisa que ajuda a gente a organizar e acolher o povo melhor, isso eu não posso dizer que é ruim, porque foi bão (ENTREVISTA 21/11/2010)<sup>42</sup>.

Essas mudanças aceitas pelos foliões estão intimamente ligadas à estrutura física da festa, não sendo remetidas às mudanças que ocorrem no âmbito do ritual e da manifestação religiosa em si. Desta forma há sim por parte dos Foliões mais antigos uma preocupação com mudanças que ocorrem em alguns sentidos e significados da Folia de Reis em Quirinópolis.

As mudanças que gradativamente ocorrem no âmbito da ritualização da festa e do contexto da Folia de Reis de modo geral já são vistas com certo cuidado e receio, uma vez que estas diversas vezes são resultado das interferências políticas e, sobretudo, da perda da tradição como afirma o Sr. Horton José Ferreira:

A Folia de Reis em Quirinópolis sofreu muitas mudanças e estas mudanças podem ser vistas até no jeito de se fazer a Folia, antes por exemplo, nós tinha um monte de ritual que foi esquecido, hoje ninguém quer mais saber da reza, em muito lugar já não se coloca mais o presépio, já não se canta mais moda de viola, até mesmo os instrumentos e o número de foliões vem diminuindo, há muita mudança, até mesmo a festa vem sendo feita na cidade e coisa que ela é original da roça. Até mesmo a cantoria tá mudando (ENTREVISTA 21/11/2010)<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Entrevista em 21/11/2010 Sr. Horton José Ferreira – Nego Tulica, capitão mais antigo da Folia de Reis da Região da Pedra Lisa, hoje com 79 anos, tem o ofício de capitão desde 17 anos de idade, foi passado pelo 1º capitão Cabrinha.

<sup>43</sup> Idem.

Ao mesmo tempo, observa-se que para além das mudanças e adaptações sofridas pela Folia de Reis ao longo dos séculos e, no caso de Quirinópolis, desde o desbravamento da região, há também aspectos que não sofreram tais mudanças. Um desses aspectos que, indiscutivelmente, ainda se coloca de maneira a formar a identidade da Folia de Reis é a questão do messianismo. É por meio dela que a vida se sacraliza e isto é evidenciado no grande número de promessas que são pagas e, também, as diversas doações que são angariadas como de agradecimento a “Santos Reis” pelas graças recebidas no ano que passou. Agradece-se pelo recebido, renova-se a esperança por uma vida melhor, alento para quem dela participa. Desta forma, ela liga-se indiscutivelmente às classes mais necessitadas, justamente pela Folia trazer esse alento de que “dias melhores virão”.

Evidentemente a Folia de Reis que antes era um ato exclusivamente rural hoje acontece também em diversos centros urbanos. Em Quirinópolis há, as Folias que se realizam no meio rural e já são tradição, bem como no centro urbano, sendo notório as diferenças tanto na representação social, quanto nos significados. Justamente devido a esses deslocamentos e mudanças estruturais é que são inclusos novos elementos próprios da pós-modernidade.

Frente às diferentes mudanças e influências constantes da modernidade e suas inovações e também devido ao processo de globalização, diversos aspectos da tradição se conservam, apesar de um certo grau de adaptabilidade. Esse misto entre as mudanças e a permanência constitui a identidade de determinadas comunidades amplamente representadas no rito e na simbologia envolta dentro do ritual. A Festa da Folia de Reis e todo o seu ritual representam a continuidade do cotidiano, ou melhor, representação da festa – a sacralização do cotidiano, como nos afirma o Sr. Paulo Benedito da Silva<sup>44</sup>:

---

<sup>44</sup> Entrevista em 21/11/2010 com o Sr. Paulo Benedito da Silva, nasceu na Lagoa da Prata-MG e morou até os 30 anos em São Paulo onde com 17 anos começou a fazer parte da Folia, foi alfare, fazia a 3<sup>o</sup> voz e 2<sup>o</sup> voz e com 27 anos saiu como capitão de folia só que no Estado de São Paulo chama Embaixador. Mudou-se para Quirinópolis com 31 anos e sempre fez parte da folia seja como integrante ou conduzinho a folia como capitão. Hoje tem 75 anos.



A Folia de Reis tira a gente do sofrimento do dia-a-dia, a gente trabalha o ano inteiro pra nos dedicar à Folia. Ali a gente sacraliza a vida, o trabalho e as pessoas que a gente gosta, o que a gente ganhou durante o ano, a gente oferece tudo a Santo Reis (ENTREVISTA 21/11/2010)<sup>45</sup>.

Um dos elementos mais constituidores da Folia de Reis é a peregrinação que os Foliões realizam durante os nove dias que além de promover a fé e a sacralidade de todo o processo trazem si o valor da arrecadação, ou seja, o custeio da festa. A peregrinação aflora o sentimento de pertencimento da população à Folia e, conseqüentemente, traz para o sagrado o labor diário do homem do campo e sua categorização enquanto ser. A peregrinação e as visitas fazem o “devoto” transformar seu espaço e o que antes era tido como profano em ser o espaço sagrado, onde tudo é abençoado com a visita dos Santos Reis.

A peregrinação pelas casas é uma forma representativa da jornada percorrida pelos Três Reis até local onde o menino Jesus teria nascido. Assim, cada casa que recebe a Folia transforma-se em local de habitação do menino Jesus e daqueles que, segundo a liturgia da Igreja Romana, representam os diferentes lugares do mundo reverenciando o menino Jesus. Justamente esta transformação simbólica do espaço profano em sagrado dá a legitimidade à Folia de Reis enquanto manifestação religiosa e, também, sua autonomia em relação à Igreja Romana. A Folia de Reis apresenta ritos e liturgia própria que fogem ao caráter oficial da Igreja Católica Romana.

As Folias acontecem dentro de um caráter familiar e amistoso, ou seja, a sua perpetuação depende do seu desmembramento dentro do grupo familiar ou mesmo dentro de um grupo de amigos. Assim, o conhecimento é passado a partir de uma observação do capitão ou do titular do instrumento segundo Sr. Horton José Ferreira:

---

<sup>45</sup> Entrevista em 21/11/2010 com o Sr. Paulo Benedito da Silva, nasceu na Lagoa da Prata-MG e morou até os 30 anos em São Paulo onde com 17 anos começou a fazer parte da Folia, foi alfare, fazia a 3º voz e 2 voz e com 27 anos saiu como capitão de folia só que no Estado de São Paulo chama Embaixador. Mudou –se para Quirinópolis com 31 anos e sempre fez parte da folia seja como integrante ou conduzinho a folia como capitão. Hoje tem 75 anos.

Eu caminhei muito tempo com a Folia de Reis, mas a partir de 1956 é que eu assumi o posto de capitão, passei muito tempo como aprendiz, depois de muito aprender pude sair com a Folia sozinho. Hoje eu vejo uma pequena dificuldade, pois as pessoas não se interessam pela folia, então não tenho para quem passar. Agora outro problema é que tem que ter dom, pois é uma profecia que se recebe e não é como se fosse uma banda. A gente sempre procura uma pessoa da família ou mesmo uma pessoa que a gente conhece e que pode dar continuidade, pois a toalha tem que ser passada com responsabilidade (ENTREVISTA 21/11/2010)<sup>46</sup>.

Assim a Folia de Reis assume seu lugar enquanto tradição tanto familiar quanto de um grupo social específico. É interessante registrar que os próprios capitães se caracterizam como profetas, uma vez que eles são donos de uma profecia, cada qual com a sua, que muitas vezes assume como sendo instrumentos de disputas como Sr. Horton ressalta:

Para ser capitão tem que receber uma profecia e é justamente essa profecia que é passada de geração para geração da folia. A toalha e profecia são elementos fundamentais e só são passadas de capitão para capitão, ficando em segredo. Muitas vezes a profecia da gente não bate com a de outra folia, então é comum que quase nunca a gente saia juntos. Dentro da Folia também a gente disputa através do nosso canto, que é inspirado na profecia. Eu já ganhei muitas disputas, para mim a minha profecia é legítima (ENTREVISTA 21/11/2010)<sup>47</sup>.

Essa visibilidade do capitão da Folia também passou por deslocamentos e mudanças. Nos tempos em que havia predominância de uma população rural encontramos a figura do capitão da Folia de Reis realmente sendo aceita como Profeta, como aquele que vem anunciar a chegada dos Santos Reis e do Menino Jesus. Com o passar dos tempos o capitão da Folia é visto como os demais foliões, apesar de reconhecida a sua liderança, ou seja, ainda ele é visto como o líder do grupo e não mais como um profeta, ou seja, portador da mensagem divina.

Em tempos do êxodo rural e, cada vez mais, da urbanização há também o deslocamento desses foliões de sua origem, que em sua maioria são da zona rural, para um ambiente em que a Folia de Reis torna-se extraordinária. Assim, grande

---

<sup>46</sup> Entrevista em 21/11/2010 Sr. Horton José Ferreira – Nego Tulica, capitão mais antigo da Folia de Reis da Região da Pedra Lisa, hoje com 79 anos, tem o ofício de capitão desde os 17 anos de idade.

<sup>47</sup> Idem

parte dos foliões reside na cidade e muitas vezes não conhecem o local em que a Folia de Reis passa a ser realizada. Esses Foliões apenas cumprem um trajeto pré-estabelecido e são retirados de suas residências e trazidos muitas vezes ao final do dia. O folião já não tem mais o vínculo com o local da folia como era há algum tempo quando cada região tinha foliões da própria região, o que gerava um vínculo e, também, a exaltação dos foliões como representantes divinos.

O trabalho em comunidade também sofreu modificações, embora ainda persista uma rede de atitudes solidárias como na região da Pedra Lisa, no entanto a maioria dos afazeres em outros locais passaram por um processo de terceirização, ou seja, somente alguns serviços são feitos de maneira comunitária e o restante, como o preparar das comidas e outros trabalhos são empreitados para pessoas que não estão inseridas dentro do contexto da região e nem da Folia de Reis, mas que realizam o trabalho pelo dinheiro como se fosse uma outra festa qualquer, como nos diz o Sr. Horton José Ferreira:

Hoje grande parte das Festas de Reis que são realizadas por aí não tem mais aquela característica de antigamente. Hoje empreita pra o fulano fazer a comida e paga pra ele fazer, empreita para outro fazer a torda e paga pra ele, e assim por diante. A Festa de Reis perdeu o seu caráter de comunidade, hoje ela é atração, Festa por Festa, perdeu-se muito o poder da religião, da reza, hoje você vai nela como se vai em qualquer festa (ENTREVISTA 21/11/2010)<sup>48</sup>.

Essas mesmas modificações em vários aspectos da Folia de Reis também são encontradas no meio urbano; a peregrinação antes feita a cavalo e a caminhada dos foliões deram lugar às kombis e carros. Ocorreu também mudança na data de realização da festa em função justamente da participação mais massiva das pessoas, embora existam folias que preservem ainda a típica data de 05 de janeiro para a realização da Festa de Folia de Reis, como é tradicionalmente realizada.

Ainda são observados outros fatores constituidores de todo o processo da Folia de Reis como, por exemplo, a realização dos almoços durante a jornada de nove dias em que os foliões estão peregrinando de casa em casa. Antes havia o apontador que ia avisar, no dia, a casa em que aconteceria o almoço conforme

---

<sup>48</sup> Entrevista em 21/11/2010 Sr. Horton José Ferreira – Nego Tulica, capitão mais antigo da Folia de Reis da Região da Pedra Lisa, hoje com 79 anos, tem o ofício de capitão desde os 17 anos de idade.

recomendações e ordens do capitão. Hoje,

O almoço é marcado já em uma rota que o festeiro predetermina. O capitão apenas dá palpite, mas se é levada em conta se a família pode oferecer mas, sobretudo, se leva em conta a amizade e a rota que o festeiro quer que a gente faça. Hoje a coisa é mais mecanizada, antes não, antes a gente comia do que o povo comia, bebia o que o povo bebia, e era bom. Hoje é tudo mais feito banquete (ENTREVISTA 21/11/2010)<sup>49</sup>.

No entanto o Sr. Horton faz questão de afirmar:

Na Folia de Reis que eu faço a gente procura fazer o máximo da tradição, a festa sempre se realiza no tempo certo, dia 05 de janeiro, nunca mudou. Eu faço questão de ser neste dia. É tradição (ENTREVISTA 21/11/2010)<sup>50</sup>.

Apesar de afirmar que a tradição não muda, nem mesmo a data, observa-se que por diversos fatores básicos, entre eles fatores políticos fosse alterada a data de ação da festa realizada no ano de 2011 (dia 06/01); adaptou-se a um calendário foi adaptado a fim de envolver maior número de participantes (cerca de 3000) na festa.

### 3.2 Folia de Reis: uma devoção demarcada – a região da Pedra Lisa

A devoção no Brasil está engendrada dentro de todo o processo que constitui a Festa de Reis e tem sua origem no processo de expansão do Catolicismo em terras brasileiras. Vários rituais populares foram, de certa forma, incluídos dentro de todo o contexto litúrgico. A Folia de Reis está constituída dentro de todo o ciclo natalino, ou seja, as comemorações do Natal. Também é válido ressaltar que o tempo experienciado pela festa popular é oficialmente justificado como comemoração

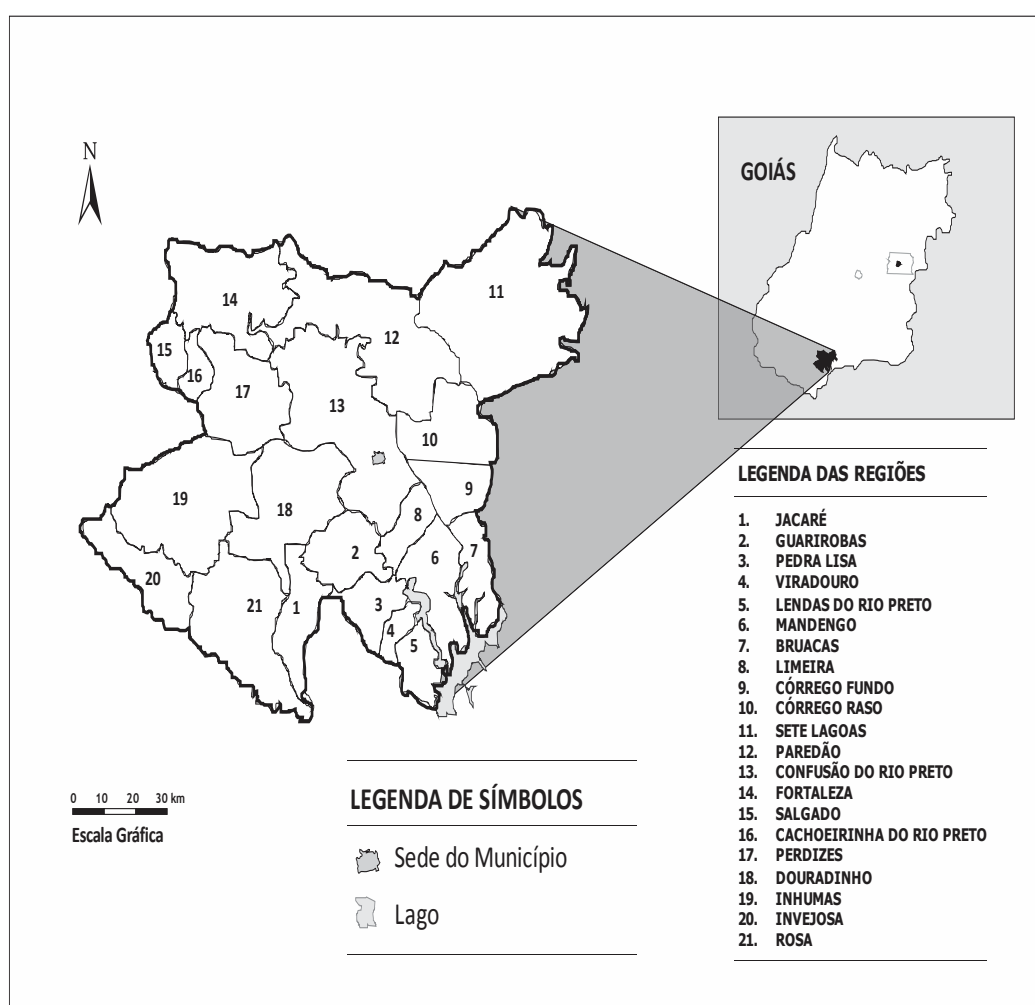
---

<sup>49</sup> Entrevista em 21/11/2010 Sr. Horton José Ferreira – Nego Tulica, capitão mais antigo da Folia de Reis da Região da Pedra Lisa, hoje com 79 anos, tem o ofício de capitão desde os 17 anos de idade.

<sup>50</sup> Idem

natalina, uma vez que paralelamente à Festa de Folia de Reis ocorre o período litúrgico oficial em que se comemora o Natal. Frente a todo o contexto em que a Folia de Reis se encontra, que vai desde o seu início com a oração do terço e a saída da Folia até o momento final da Festa, todo esse processo ritualizador do cotidiano passa por uma congregação de símbolos e ritos que se confluem e ora se distanciam.

Figura 01: Mapa do Município de Quirinópolis - GO – Legenda das Regiões



Fonte: SEAGRO (2010) Interpretação, organização e digitalização Leon Alves Correa (2010)

No município de Quirinópolis a Folia de Reis se apresenta a partir de vários grupos de Foliões e festeiros que, de certa forma, representam as diversas regiões da zona rural. Por exemplo, há o grupo de foliões e a Festa de Folia de Reis da Região da Pedra Lisa, do Paredão, da Sete Lagoas, do Salgado, dentre outras. A

mais antiga manifestação da Folia de Reis no município de Quirinópolis data de 1918 na região da Pedra Lisa, vinda da região de Uberaba com o início do povoamento da referida região pela Família Alves, como nos relata o Sr. Álvaro Alves Ribeiro:

A tradição da Folia de Reis aqui na região teve origem com a vinda do meu avô e de uns irmãos dele lá de Minas, do município de Uberaba. Junto com meu avô e junto com meu tio, teve um senhor chamado Manoel Xavier, conhecido como Cabrinha, e eles juntos em 1918 tiveram início à primeira Folia de Reis com o pessoal da região. (ENTREVISTA 06 /12/ 2010)<sup>51</sup>.

Desta forma observa-se que a Folia de Reis em Quirinópolis está intimamente ligada à tradição mineira, principalmente da cidade de Uberaba e fora organizada para que a população que se deslocava para o povoamento da região de Quirinópolis pudesse ter momentos de fé, mas sobretudo de diversão, uma vez que não se tinha assistência do clero na região por ser até então, totalmente despovoada e de difícil acesso.

Na região da Pedra Lisa a Festa dos Santos Reis é demarcada pela tradição familiar das famílias Xavier, Rodrigues e Alves na pessoa do capitão Manoel Xavier conhecido como Cabrinha, uma pessoa alegre, religiosa e devota de Santos Reis como relata a sua tia, a Sr<sup>a</sup> Teodora Barcelos Almeida<sup>52</sup>, filha de Avelino Rodrigues Barcelos e Justina Maria de Jesus. Ela transpira fé no momento que fala sobre o Santos Reis:

Pra mim Santos Reis é meu, pois tem sido feitos grandes milagres no seu nome.....minha mãe era cozinheira e meu pai festeiro, meu tio ia arrastando todo mundo com ele, sobrinho, irmão, cunhado tudo com ele até formar duas Fúlia na Pedra Lisa.

---

<sup>51</sup> Entrevista em 06/12/2010 com Álvaro Alves Ribeiro; nasceu em Quirinópolis na fazenda Pedra Lisa com a Parteira Cotinha em 1944, folião que tem a tradição familiar conforme relato da 1ª festa de Reis na Região da Pedra Lisa em 1918 realizada pelo seu Avô José Alves. Tendo como capitão da folia o Sr. Manoel Xavier. Conhecido como Cabrinha.

<sup>52</sup> Entrevista em 24/01/2011 com Teodora Barcelos Rodrigues. Hoje com 83 anos, tem propriedade rural na Região da Pedra Lisa, católica gosta de fazer novenas, reza o terço em casa de vizinhos toda segunda-feira e é devota de Santos Reis.

Ela é uma das guardiãs da história da família, portadora da bandeira e da estola que seu tio usava:

Foto16: Estola e bandeira usada pelo primeiro capitão de Folia de Santos Reis – Região da Pedra Lisa<sup>53</sup>.



Fonte: Arquivo particular de Teodora Barcelos Rodrigues

Assim ela vai lembrando a história, se emociona a todo momento mas vai dando o seu testemunho de fé e quando perguntada sobre as graças recebidas de Santos Reis nos fala:

O meu ti Cabrinha andava pagando a promessa feita pela tia Sebastiana, ele foi para guerra em 1930 e ela prometeu a Santos Reis que se ele voltasse sem nenhum um arranhão no corpo a família ia fazer a festa todo ano então nunca mais parou sempre é no mesmo lugar na venda que hoje é do meu fio Zé Majó o altar é no carro de boi que era do meu pai.<sup>54</sup>

Após a chegada de outras famílias à Região muitos grupos de Folia de Reis surgiram e realizaram também sua peregrinação e a festa em suas respectivas regiões, tradição essa que permanece com algumas modificações até os dias atuais. Analisar a Folia de Reis, sua performance e simbologia, exige conhecer a mais antiga delas na região da Pedra Lisa, que desde seu surgimento sempre se realiza na região rural e procura preservar, ainda que com variações, a tradição familiar.

<sup>53</sup> Foto da 1ª Bandeira de Santos Reis, pertencente ao capitão Manoel Xavier (Cabrinha).

<sup>54</sup> Entrevista em 24/01/2011 com Teodora Barcelos Rodrigues. Hoje com 83 anos, tem propriedade rural na Região da Pedra Lisa, católica gosta de fazer novenas, reza o terço em casa de vizinhos toda segunda-feira e é devota de Santos Reis.

Obrigatoriamente a Folia de Reis tem seu início na noite de Natal. Os Foliões, seus familiares e a população da região (Pedra Lisa) se reúnem em um local determinado – no caso da região da Pedra Lisa o local de saída da Folia e da realização da Festa é sempre a Venda do Zé Major – para a oração do terço e também os rituais próprios de cantoria da Folia, bem como para a confraternização de Natal com o jantar, a dança e a bebida.

Foto 17: Bandeira das duas Folias no presépio no dia da saída da Folia<sup>55</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

Foto 18: Confraternização após a oração do terço na saída da Folia<sup>56</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

---

<sup>55</sup> Foto das Bandeiras depositadas no altar para a reza do terço no dia 25/12/2010, na venda do Zé Major iniciando a devoção aos Santos Reis e marcando a confraternização das famílias do Festeiro José Cassiano e todos que chegam para rezar e pagar promessas.

<sup>56</sup> Foto da confraternização após a oração do terço, da direita para a esquerda (Wanderleia Silva Nogueira, o Capitão da Folia Sr. Horton José Ferreira, o Festeiro o Sr. José Cassiano e o Sr. Manoel Sobrinho.



O jantar servido é revestido de sentido de partilha, o que significa a igualdade entre todos participantes como fala a Nazareth Alves<sup>57</sup>

Aqui todo mundo come a mesma comida, não tem diferença, rico, pobre, prefeito, deputado, gente importante qualquer um entra na fila e ninguém é servido em separado. Só a mesa posta para os foliões pois eles são os profetas de Santos Reis.

A Folia de Reis oficial da região da Pedra Lisa que é comandada pelo Sr. Horton José Ferreira, mais conhecido como Nego Tulica, no entanto esporadicamente é convidado outro grupo de Folia de Reis comandado pelo Sr. Lauro campos para integrar a peregrinação, ou seja, um grupo percorre a zona urbana e o outro a zona.

Durante o percurso da Folia ocorrem diversas representações, bem como as diversas simbologias existentes dentro de todo o processo. No dia de Natal as primeiras casas a serem visitadas e “abençoadas” são as próprias casas dos Foliões, iniciando pela casa do capitão, onde são feitos os ajustes nos instrumentos e os últimos comandos. Em seguida, antes de partir para as demais casas é abençoada a casa do motorista.

E agora a nossa bandeira, ela é a nossa guia!  
E agora a nossa bandeira, ela é a nossa guia!  
Vai abençoar toda casa do nosso motorista. Ai Ai  
(Cantoria da Folia em 25/12/2010)<sup>58</sup>.

Todo o ritual é feito com cantoria e carregado de simbologia. A bandeira na chegada é sempre virada para o lado da casa e de costas para os foliões, assim representando a chegada dos Santos Reis que, por meio da Folia, visita cada casa. Eis o caráter místico que envolve a Folia de Reis, a qual não é apenas uma representação, mas a manifestação viva de fé e devoção de todo um povo.

---

<sup>57</sup> Entrevista no dia 25/12/2010 com Nazareth Alves, moradora da Pedra Lisa.

<sup>58</sup> Cantoria abençoando o motorista e sua família que conduzira a bandeira e seus foliões.

É de fé em Jesus Cristo seguindo a Estrela guia,  
Que os Três Reis aqui chegou, trazendo Harmonia.  
Que os Três Reis aqui chegou, trazendo Harmonia. Ai Ai (bis)  
(Cantoria da Folia de Reis em 25/12/2010)<sup>59</sup>

Em seguida, entrega-se a bandeira ao morador que a conduz pelos cômodos da casa representando a visita dos Santos Reis àquela família. Quando a bandeira retorna canta-se agradecendo pela oferta e a bandeira retorna às mãos do Alfere, aquele que a conduz durante os dias de peregrinação, sendo ele um pagador de promessa.

Deus lhe pague a sua oferta que foi entregue à Folia  
Ela é um gesto devoto com a Estrela Guia.  
Ela é um gesto devoto com a Estrela Guia. Ai ai. (bis)  
(Cantoria da Folia de Reis em 25/12/2010)<sup>60</sup>

Por fim, pede-se licença e termina a cantoria para seguirem adiante. Todos os Foliões carregam seus instrumentos e não podem deixar outra pessoa que não seja integrante da Folia tocar nos mesmos. Também faz parte do ritual que envolve os instrumentos diversos cuidados que podem ser classificados como “superstições” como, por exemplo, não passar embaixo de varal de roupas. Seguidos esses preceitos a Folia caminha para outro destino. Vale ressaltar que na atualidade o trajeto é feito não mais a pé, mas sim em uma Kombi que leva os foliões para o próximo destino. Também é importante relatar que antes o trajeto era feito em linha reta, ou seja, todas as residências era visitadas. Hoje, no entanto, as visitas são feitas de acordo com os pedidos que chegam, ou seja, não importando a localização da residência.

---

<sup>59</sup> Cantoria chegando na casa dos devotos.

<sup>60</sup> Cantoria agradecendo as ofertas dos devotos de Santos Reis.

Foto 19: Foliões entrando na Kombi na Rua Quirino Cardoso e indo para Av. Lazaro Xavier.<sup>61</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

Ao chegar a outra residência o ritual é o mesmo, a cantoria, a visita da bandeira, o agradecimento. Importante se faz ressaltar que os versos cantados na Folia não são decorados ou já preparados. Eles são frutos da criatividade do Capitão e dependem muito do local e da inspiração. Em linhas gerais pode-se afirmar que os foliões são repentistas que improvisam os seus versos, mas sempre seguindo a temática da visita dos Santos Reis e do nascimento de Jesus Cristo.

### 3.2.1 O almoço e o jantar

O almoço e o jantar são um ritual a parte e apresenta toda uma mística que une o que é feito normalmente nos rituais nas demais casas com o que é próprio do momento do almoço e do jantar. Ao chegar ao local do almoço e jantar a Folia é recebida pelos moradores e visitantes na porta da casa, onde é feita uma cantoria diferente e em outro ritmo.

---

<sup>61</sup> Os foliões entrando na Kombi e indo a outro local levar as saudações dos Santos Reis. Foto da autora – dezembro de 2010.

Foto 20: Foliões chegando para o almoço<sup>62</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

Vimos de longe para ir até Belém  
Visitar menino Deus lá na Gruta de Belém.  
Viajamos, Viajamos, Viajamos até Belém.  
(Cantoria dia 26/12/2010)

Durante a cantoria de início os foliões cruzam as duas filas de foliões em um ritual que se chama meia lua e adentram à residência. Em frente ao presépio realizam a cantoria tradicional e depositam a bandeira aos pés do presépio. Em seguida passa-se para o ritual da alimentação. Impreterivelmente o capitão da Folia é quem puxa a oração e faz as vezes de “sacerdote”, ou seja, de suprema autoridade religiosa naquele momento.

---

<sup>62</sup> Orações e cantorias agradecendo pelo almoço oferecido à folia durante o giro na casa do Dr. Vander Lucio ferreira; os foliões fazem a meia lua. Foto da autora- Quirinópolis – dezembro de 2010.

Foto 21: Momento de oração para o jantar.<sup>63</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

Após os alimentos serem abençoados o capitão também deve ser o primeiro a se servir e logo após os foliões e, em seguida, os demais presentes. Terminado o almoço é feita a cantoria de agradecimento, a bandeira é recolhida e, em seguida, eles saem cantando novamente a mesma cantoria do início e também o ritual de cruzamento das filas dos foliões. Após o jantar, no entanto, não é realizado nenhum ritual uma vez que os instrumentos ficam guardados no local onde foi realizado o jantar, sendo no outro dia, portanto a primeira casa abençoada.

### 3.2.2 Símbolos e rituais

Todo o processo em que a Folia de Reis está inserida é parte de um contexto de símbolos e rituais começando pelos significados das próprias vestimentas até os passos que a Folia percorre. Estão cheios de diversos significados que reconstituem no imaginário popular o cenário do nascimento de Cristo e da visitação dos Três Reis ao presépio.

Dentre os diversos elementos que se destacam dentro da Folia de Reis, o que se torna símbolo maior é justamente a bandeira que segue adiante da Folia.

---

<sup>63</sup> Orações e cantorias em agradecimento pelo jantar oferecido à folia durante o giro; jantar na casa de Maria de Fátima pagando uma promessa. Foto da autora. Janeiro de 2011.

Foto 22: Bandeira da Folia da Pedra Lisa<sup>64</sup>

Fonte: Arquivo particular da autora

No centro da bandeira há uma imagem do presépio que representa o nascimento de Jesus Cristo; também é adornada com fitas e outros elementos decorativos que são coloridos e alegres onde depositadas as ofertas e alguns pagamentos de promessa. Vale ressaltar que apenas algumas fotos são depositadas como pagamento de promessa, já o dinheiro e as demais doações são guardadas com o Alfere, o responsável pela bandeira ao longo da peregrinação, ficando apenas uma quantia representativa depositada na bandeira que é sempre tocada e beijada.

Em Quirinópolis a tradição quando à bandeira está “muito carregada” de fitas e totós, pedidos ou agradecimentos, estes são jogados em água corrente com um cerimônia de oração e cantoria com a presença das pessoas mais velhas da comunidade; acontece antes ou depois da peregrinação anual ou mesmo quando for necessário. Também aqui existe o costume de que a Bandeira é responsabilidade do capitão por esse motivo ela permanece na casa dele.

A bandeira torna-se o símbolo máximo da Folia. Ela é o símbolo da sacralização, ou seja, por onde ela passa o que antes era profano, torna-se sagrado. Ela é o divisor de dois mundos distintos, o mundo denominado popularmente profano, ou seja, que não tem ligação com o divino e o Sagrado isto é, divino. Desse modo, desde hábitos simples até as maiores enfermidades das famílias visitadas são abençoados pelos Santos Reis como relata o Sr. Horton José Ferreira: “eu sou o Guardião da bandeira existe a profecia” (ENTREVISTA em 21/11/2010).

<sup>64</sup> Bandeira da Folia do Capitão Lauro Campos. Foto da autora. Quirinópolis, dezembro de 2010.

A bandeira após o primeiro ritual de cantoria é entregue aos donos da casa que devem levá-la por todos os cômodos da casa para serem abençoados, bem como passar pelos demais locais da residência ou da propriedade rural que querem a benção de Deus por meio dos Santos Reis. Em seguida a bandeira é conduzida novamente à frente da Folia e é feita a cantoria de agradecimento. Vale lembrar que bandeira sempre passa a noite no local onde foi realizada a janta que, quando é zona rural, é o local onde os foliões também descansam.

Um outro símbolo que acompanha a Folia de Reis durante o trajeto é a Estola, comumente chamada pelos participantes de toalha. A representação dela na Folia é de separação, dos Foliões das demais pessoas. Segundo o capitão de folia Lauro Campos:

Aquela toalha, como é comumente chamada é a Estola, representa a separação, ela é quem mostra quem é o Folião, já que a gente só usa o uniforme no dia da chegada da Folia na Festa. Ela tem a mesma função que a Estola que o padre usa. Sabe aquela faixa que o padre usa por cima da batina? É do mesmo jeito que a gente usa, claro que um pouco diferente. Serve para lembrar a missão que Deus dá pra gente ser folião (ENTREVISTA 28/12/2010)<sup>65</sup>.

Tal fato mostra que os foliões assumem o papel de sacerdotes populares, assim sendo os portadores do sagrado. É deixada em segundo plano a figura da oficialidade, ou seja, mesmo a devoção a Santos Reis tendo uma origem católica a Igreja Católica não assume o seu papel de organizadora da religiosidade, mas sim os populares que assumem o papel de sacerdotes.

---

<sup>65</sup> Entrevista no dia 28/12/2010 com o capitão Lauro Campos, mora em Quirinópolis, é devoto de Santos Reis desde criança, hoje 57 anos.

Foto 23: Capitão da Folia Lauro Campos com a Estola durante entrevista<sup>66</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

Ser Folião se torna assim uma vocação como afirma o Sr. Lauro Campos:

Ser folião é como um chamado para um rapaz ser padre. Tem que ter vocação. Não é um chamado qualquer não. Tem que ter a profecia. A profecia é esse chamado especial para ser folião, por isso temos esse símbolo. Quem não for chamado não dá conta mesmo. (ENTREVISTA 28/12/2010)<sup>67</sup>.

Isso vem reforçar a representatividade social que estes foliões ainda têm para a comunidade. Toda a simbologia e a mística envolvem também o modo de como é visto o folião por seus familiares e amigos. Ele comumente é tido como uma pessoa de muita fé, em síntese, um sacerdote popular. O capitão, responsável pelo comando do ritual, é quem puxa a cantoria, define e observa tudo o que está em volta. Também assume o comando durante as orações e se alimenta primeiro, enfim o capitão assume realmente o lugar de chefe dos foliões, bem como o de sacerdote e sacralizador daquela missão.

Dentre as figuras também encontramos, além dos demais foliões que são separados por vozes e pelos instrumentos; o Alferes que carrega a bandeira e guarda as ofertas durante a peregrinação, geralmente é alguém que está pagando uma promessa. Já o apontador define os locais por onde a Folia vai passar, bem como os

<sup>66</sup> Foto da Entrevista com o capitão Lauro Campos. Foto da autora. Quirinópolis, Dezembro de 2010.

<sup>67</sup> Entrevista no dia 28/12/2010 com o capitão Lauro Campos, mora em Quirinópolis, é devoto de Santos Reis desde criança, hoje 57 anos .



locais de dormir (quando na zona rural) ou mesmo de guarda dos instrumentos e da bandeira (zona urbana).

Dentre os demais símbolos há ainda a tradição de carregar no ombro direito uma medalha com a imagem dos Santos Reis na visita ao presépio. Essa tradição, segundo Lauro Campos “é mais recente, foi apenas para adornar mais as roupas, uma vez que a gente usa roupa comum durante a peregrinação” (Entrevista 28/12/2010).<sup>68</sup>

Para além dos símbolos que acompanham a peregrinação diversos costumes e superstições também fazem parte do ritual. Entre eles pode-se citar a superstição de, por exemplo, sair da casa pelo mesmo lugar que entrou. Por estarem em um universo místico e sagrado os foliões acreditam que tudo o que vai acontecendo no decorrer do percurso é sinal divino. Quando um instrumento desafina em determinada casa ou acontece algum imprevisto, eis um sinal de Deus. No caso de um dos instrumentos desafinar em uma determinada casa o capitão se retira do local e vai até o quintal pedir Deus por aquela família e, em seguida, ao retornar, segundo eles, os instrumentos estão todos afinados novamente. Tais manifestações são preceitos populares que reforçam a idéia de sacerdotização dos componentes e de sacralização da Folia de Reis em si. Em outras palavras, a Folia de Reis seria a portadora do Sagrado naquele momento.

Dentro do universo ritualístico da Folia de Reis existem diversos rituais seguidos de maneiras diferentes em diversos momentos, como já dito, dependendo muito do local por onde os foliões passam. Obrigatoriamente, ao chegar a um local que se tem uma imagem de santos ou qualquer outro objeto que faça menção a algo sagrado a folia deve cantar para cada um dos objetos encontrados em sinal de reverência.

### 3.2.3 - A festa

O cume de toda a peregrinação da Folia de Reis é, sem dúvidas, o dia da festa, a qual marca a chegada dos Santos Reis ao local onde o menino Jesus teria nascido

---

<sup>68</sup> Entrevista no dia 28/12/2010 com o capitão Lauro Campos, mora em Quirinópolis, é devoto de Santos Reis desde criança, hoje 57 anos.

Belém. A peregrinação é envolta de toda uma simbologia que remonta á caminhada dos Santos Reis à procura do menino Jesus. Primeiramente é importante salientar que a liturgia da Igreja Católica, ou seja, a liturgia oficial também contempla durante o período do ciclo natalino a peregrinação dos Três Reis, oficialmente marcada para 6 de janeiro com a chegada dos mesmos à gruta em Belém. Esse acontecimento oficialmente é chamado na Igreja Católica de Epifania e significa a manifestação de Jesus ao mundo. No ritual popular a Festa de Santos Reis, é mais uma forma de lembrar o Natal, mas apresenta também o seu lado social, já que a comunidade se reúne e os amigos se reencontram.

Festeiro da Pedra Lisa (2010-11) concebe a Folia de Reis como:

A Folia de Reis é todo um processo. Tem a parte religiosa que é a reza, que os Foliões fazem com as famílias. Tem parte da festa, que também é religiosa e tem a parte que a gente festa pra valer, que dança, se encontra. São muitas partes que fazem parte da folia. Os foliões é responsável por uma parte. Os cozinheiros por outra e assim por diante. São 9 dias de festa mesmo, aí o que mais é representativo é a chegada da folia. Aí é festança total. Então Folia de Reis não é só uma parte não. É um todo (ENTREVISTA 06/01/2011)<sup>69</sup>.

A Folia de Reis tem início com o terço rezado na noite de 25 de dezembro e se prolonga até a preparação da alimentação para o dia 06 de janeiro e a festa neste dia com a chegada da folia. Todo o processo tem seu ritual e seus significados. É um processo organizado desde a entrada da bandeira até o modo como são preparados os alimentos. Tudo faz parte de um ritual.

Para a festa as comidas começam a serem preparadas já no dia 25 de dezembro, uma vez que é preciso abater animais já angariados, bem como ao longo da caminhada, diariamente, são feitos os acertos com o festeiro e a contabilidade do que se tem ganhado e isto já é destinado para o preparo e organização da festa.

---

<sup>69</sup> Entrevista em 06/01/2011 com o Festeiro José Cassiano, festa (2010-11); nasceu em Quirinópolis, hoje tem 55 anos, fazendeiro na Região da Pedra Lisa, devoto de Santos reis, trabalha na festa desde que tinha 10 anos de idade.

Foto 24: Mantimentos e utensílios ganhados e estocados para Festa<sup>70</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

Na organização da festa, cada pessoa tem sua função delegada pelo festeiro como manda a tradição. O cozinheiro sempre segue uma linha de tradição familiar. Na região da Pedra Lisa sempre a família do Sr. José Cassiano é responsável pela preparação dos alimentos, evidentemente, contando com a ajuda de diversas pessoas da comunidade; responsável pelo bar é sempre o Sr. Zé Major. Dias que antecedem à festa a preparação da comida se faz de maneira mais intensa, reunindo maior número de pessoas. Precisamente no dia da festa afirma Sr. José Cassiano há chuva:

Não existe uma festa de Folia sem chuva. O barro faz parte da festa. A gente já prepara para a chuva. É graça de Deus pra gente aqui na fazenda. E é o que faz a graça da festa, é saber que Deus ta abençoando a gente. (ENTREVISTA 06/01/2011)<sup>71</sup>.

A chuva faz parte do ritual da festa, por isso o local já é preparado para tal com tendas.

---

<sup>70</sup> Mantimentos e utensílios doados para a festa de Santos Reis – foto da autora- Quirinópolis – janeiro 2011.

<sup>71</sup> Entrevista em 06/01/2011 com o Festeiro José Cassiano, festa (2010-11); nasceu em Quirinópolis, hoje tem 55 anos, fazendeiro na Região da Pedra Lisa, devoto de Santos reis, trabalha na festa desde que tinha 10 anos de idade.

Foto 25: Local da festa (Venda do Zé Major) e ao fundo o céu demonstrando a chegada da chuva<sup>72</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

Mesmo sendo tradicional a chegada às quinze horas na região da Pedra Lisa, nos últimos anos, tem acontecido às dezessete horas e um dos motivos é o horário de verão. No caso da Festa da região da Pedra Lisa o jantar é servido antes mesmo da Folia chegar e isso se deve justamente para desafogar as filas e o tumulto que pode acontecer se o jantar for servido em apenas um horário. A Folia de Reis da região da Pedra Lisa é uma das mais tradicionais de Quirinópolis, uma vez que grande parte das pessoas da cidade se deslocam para a referida festa.

Foto 26: Jantar na festa de folia de Santos Reis – Pedra Lisa 2011<sup>73</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

---

<sup>72</sup> Foto do local da Festa de Santos Reis. Foto da autora- Quirinópolis- janeiro de 2011.

<sup>73</sup> A imagem mostra a fila da alimentação na festa de folia de Santos Reis – Pedra Lisa 2010.

Servido o jantar, à disposição dos visitantes durante toda a festa, é o momento de se preparar para a chegada dos foliões. No ano de 2011 duas Folias saíram na região da Pedra Lisa: uma capitaneada por Sr. Nego Tulica e outra pelo Sr. Lauro Campos. A primeira Folia a chegar foi a do Sr. Nego Tulica que iniciou saudando os arcos.

Foto 27: Chegada no Primeiro Arco<sup>74</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

No primeiro arco os foliões pedem licença para adentrar ao local e são acolhidos pelos festeiros. Os arcos, segundo a cantoria, representam o local sagrado, ou seja, a entrada do local onde o menino Jesus estaria, por isso há grande reverência aos arcos. As correntes representam as barreiras que os Santos Reis enfrentaram.

O primeiro arco saudamos até o chão  
 Ai Deus do céu, até o chão, até o chão. Aiiiiii(bis)  
 Agora peço uma licença para chegar os folião  
 Ai pra chegar os folião. Ai. Aiiiiiiii(bis)  
 Santos Reis, ai vem de longe,  
 Ai vem de lá do oriente, Ai vem de lá do oriente. Ai. Aiiiiii(bis)  
 Agora peço uma licença para romper essa corrente  
 Ai pra romper essa corrente. Ai. Aiiiiii(bis)  
 Ai Santos Reis, lá vem chegando em nossa nobre companhia  
 Em nossa nobre companhia. Ai. Aiiiiiiii(bis)  
 E agora nosso festeiro recebe a nossa santa guia  
 Agora recebe a nossa santa guia. Ai. Aiiiiiiii(bis)

<sup>74</sup> Foto da chegada dos foliões no 1º arco. Foto da autora – Quirinópolis- janeiro de 2011.

Foto 28: Imagem da cantoria no segundo arco<sup>75</sup>

Fonte: Arquivo particular da autora

No segundo arco, já com a bandeira nas mãos dos festeiros que usam uma coroa simbolizando que ali nasceu o rei de todos os Reis, Jesus Cristo, faz-se a saudação e simboliza-se uma barreira que pode impedir o contato com o divino, por isso a corrente é quebrada e eles contemplam a chegada cada vez mais perto do presépio, por da cantoria de Lapinha.

E no segundo arco, pra Lapinha em direção  
 Pra Lapinha em direção. Ai. Aiiiii(bis)  
 E agora é o festeiro que está com a Guia na mão.  
 Com a Guia na mão. Ai. Aiiiii(bis)  
 E arrebenta essa corrente e dá licença pros folião.  
 E dê licença pros folião. Ai. Aiiii. (bis)

Após a cantoria descrita acima e a bandeira já nas mãos dos festeiros ocorre a caminhada dos foliões para o terceiro arco onde novamente saúdam o arco, mas antes fazem um rito chamado de meia lua, que representa a caminhada dos Santos Reis até a Lapinha.

Aqui vamo cantar para o festeiro e para a sua fãmia  
 Ai e para a sua fãmia. Ai. Aiiiiiiii. (bis)  
 Agora rebenta essa corrente e dê licença pra companhia  
 Ai e dê licença pra companhia. Ai.  
 Aiiiiii(bis)<sup>76</sup>

<sup>75</sup> Imagem da cantoria de saudação no 2º arco- foto da autora- Quirinópolis – janeiro de 2011.

<sup>76</sup> Cantoria de saudação do 2º arco.

Os foliões passam por todos os arcos que em sua totalidade somam quatro e simbolizam os quatro cantos do mundo. Em seguida caminham para o altar que obrigatoriamente abriga o presépio, como também diversos pagamentos de promessas.

Foto 29: Imagem parcial do altar na Venda do José Major Pedra Lisa 2011.<sup>77</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

Vale lembrar que as naturezas dos votos são diversas e, em sua maioria, a graça ou a promessa fica em segredo com o devoto. Sempre há o pagamento de promessas na festa, uma vez que como afirma a Senhora Maria de Fátima Passos Ferreira:

A devoção à Santos Reis move a fé da gente. E ele é poderoso. Inclusive pago uma promessa hoje, pois consegui comprar um carro zero quilômetro. Isso é a maior graça que o Santos Reis podia me dar. (ENTREVISTA 25/12/2010)<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> Foto do altar mostrando o pagamento de algumas promessas – foto da autora – Quirinópolis – Janeiro de 2011.

<sup>78</sup> Maria de Fátima Passos Ferreira, chegou em Quirinópolis na década de 60, religiosa, funcionária pública aposentada, devota de Santos Reis e oferece a janta em sua casa aos foliões a mais de 30 anos.

Após a cantoria em frente ao presépio, a outra folia, a do Sr. Lauro Campos, cumpre o mesmo ritual até chegar ao altar.

Foto 30 Folia capitaneada por Lauro Campos.<sup>79</sup>



Fonte: Arquivo particular da autora

Logo após a cantoria inicia-se o terço que, é contemplado em seus mistérios gozosos e remontam ao nascimento de Cristo. O terço é todo cantado e contemplado a partir de diversas jaculatórias remontando às tradições do catolicismo mais tradicional, embora a Folia de Reis seja uma expressão de fé popular.

Maria concebe o Verbo encarnado,  
 Que veio ao mundo remir o pecado.  
**Ave, Ave, Ave Maria (bis)**  
 Sentindo-se acesa, toda em caridade,  
 Izabel visita, cheia de humildade.  
**Ave, Ave, Ave Maria (bis)**  
 Numa pobre lapa, nasce o Salvador,  
 Da Virgem, Mãe pura, brota divina flor!  
**Ave, Ave, Ave Maria (bis)**  
 No templo apresenta A Jesus Menino;  
 Nos braços da Aurora vem o Sol divino!  
**Ave, Ave, Ave Maria (bis)**  
 O filho que busca, cheia de agonia,  
 No templo encontra com suma alegria!

<sup>79</sup> Folia capitaneada por Lauro Campos, cantando a ladainha do terço.



Após o terço tem seqüência a parte social da festa de Folia de Reis com a dança, bebidas e comidas que prosseguem até a meia-noite quando se tem o momento das ofertas e cada pessoa é convidada a ofertar a Santos Reis desde uma quantia em dinheiro até mesmo animais ou mantimentos. É importante ressaltar que para cada oferta deixada para Santos Reis os foliões entoam um canto em agradecimento. Esse ritual tem seu tempo indefinido, uma vez que depende da quantidade de pessoas que realizará ofertas. Terminado o ritual das ofertas passou para a transferência da coroa do atual festeiro para o festeiro Lázaro Cassiano, responsável pela festa em 2011; este pagará a coroa para pagar uma promessa que fez para sua filha Jaqueline como afirma a Sra. Teodora Barcelos Almeida:

Foi assim ele disse que Deus ajudasse abaixo de Deus né Santos Reis desse vida pra ela dinovo (ela já estava sem vida) ele faria a festa (silêncio) um milagre aconteceu. Pois após o parto um líquido do estômago foi para o pulmão, ela estava rocha e sem respirar, ficou na UTI por vários dias, a Lurde é que cuidou do nenê Lázaro Neto.

O ritual puramente religioso tem seu final justamente neste momento e após este a festa e a confraternização, bem como o baile continuam noite adentro.

### 3.3 Algumas considerações sobre a Folia de Reis

É importante ressaltar que o palhaço perdeu seu espaço, como na festa de Reis da Pedra Lisa como endossa o Sr. Paulo, capitão de Folia:

Hoje a gente já não coloca o palhaço não. Para ser palhaço tem que ter arte. Tem que ser esperto tem que saber as manhas da vida. O palhaço tem que informar o capitão de tudo o que tem num lugar, para o capitão cantar. Hoje ta difícil encontrar gente assim. Então é melhor ficar sem (ENTREVISTA 21/11/ 2010).

Assim, pode-se constatar que em todas das quatro folias catalogadas na região de Quirinópolis nenhuma delas tem a figura do palhaço.

Foto 31: Foliões da Folia de Reis sem o palhaço<sup>80</sup>



Fonte: Arquivo particular do Sr. Paulo

Foto 32: Máscara do palhaço<sup>81</sup>



Fonte: Arquivo particular do capitão Sr. Paulo

---

<sup>80</sup> Foto dos Foliões da Folia de Reis sem o palhaço.

<sup>81</sup> Foto Máscara do palhaço, pertence ao Capitão Paulo Benedito da Silva.

Foto 33: A folia fazendo o giro o último palhaço Sr. Antonio Justino Xavier.<sup>82</sup>



Fonte: Arquivo Particular do Sr. Paulo

A Festa de Reis, para além de ser uma manifestação religiosa, é também uma manifestação cultural e, sobretudo, social. Na região da Pedra Lisa é nítida a presença da tradição familiar e o espaço da festa é também utilizado como convivência social, pois parentes se encontram e pessoas de outras regiões inclusive da cidade compartilham dos momentos de confraternização.

Mesmo havendo a presença de outra folia em uma mesma festa cada uma tem seu espaço, realizando cada uma um ritual, embora semelhante. Sempre há a condução de cada folia pelo seu capitão, o qual é responsável por todos os atos inclusive da palavra final. Ele é considerado um sacerdote popular responsável pela é conduta moral dos demais foliões.

Os instrumentos da Folia variam de grupo para grupo, mas é composta essencialmente de viola, violão, pandeiro, caixa e cavaquinho e, em algumas, acordeom. Os foliões carregam, ainda uma toalha, para mostrar que são separados para uma missão.

Dentre todas as características típicas da Festa de Folia de Reis a fartura da comida, o ornamento e o baile que adentra noite afora é notório o caráter de extraordinário para a localidade.

---

<sup>82</sup> Foto a Folia fazendo o giro o ultimo palhaço Sr. Antonio Justino Xavier.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se claramente que a cultura popular é engendrada pelo cotidiano. Nela há as práticas diárias, recriação de histórias, personagens, enfim, é fonte inesgotável de pesquisa não só para os historiadores, mas para todos aqueles que procuram fazer do dia-a-dia e das produções inerentes a ele seu objeto de estudo.

A Folia de Reis é integrante da cultura popular brasileira, especialmente do Estado de Goiás, Quirinópolis. Está inserida em um contexto popular, faz parte e assume para si todo o processo de transformações por que a sociedade é concebida de maneira contínua. Permanências e transformações são observadas nos mais variados ângulos de análise desta manifestação que antes mesmo de ser uma religiosa, é uma manifestação cultural.

As transformações e deslocamentos que sofrem o campo e a cidade, bem como o advento da tecnologia são fatores evidentemente percebidos e experienciados no decorrer da Folia de Reis. Mesmo não sendo uma tradição especificamente quirinopolitana na região de Quirinópolis assume certas especificidades devido a características próprias da região, como o povoamento e a topografia geográfica e identitária do interior goiano.

Entender a Folia de Reis em Quirinópolis e em todas as demais regiões do Brasil é adentrar ao universo do Patrimônio Imaterial. Concebê-la como um patrimônio imaterial é compreender as transformações e mudanças que ocorrerem nela ao longo dos tempos sem engessar a Folia de Reis em suas antigas práticas, mas observá-la no seio de transformações que se fazem e refazem periodicamente e acompanham as mudanças vividas pela sociedade, a qual se adapta ao processo. Não se pode apenas falar em uma preservação da Folia de Reis, mas é preciso compreendê-la no contexto em que é experienciada e vivenciada. É necessário entender a totalidade da festa popular e de toda a tradição que está contida em seu significado mais amplo.

A Folia de Reis como abordada neste trabalho (Região da Pedra Lisa) dá contexto e significado à região em que ela se desenvolve. Desta forma passa-se a compreender sua performance e contexto assim dando voz a todos aqueles que estão envolvidos direta ou indiretamente em seu processo. Compreender a

performance da Folia de Reis é registrar e analisar suas crenças e significados, bem como a simbologia e a mística em que a envolve.

Ao longo dos anos, evidentemente, diversos aspectos da modernidade foram e estão sendo incorporados a todo o processo de acontecimento da Folia de Reis. No entanto, é preciso ressaltar que ela persiste embora para todos os atuais foliões a sua permanência está já ameaçada justamente pela falta de interesse das pessoas mais jovens que não valorizam a tradição e, de certa forma, renegam o que ora era tido como precioso dentro de um aspecto de tradição familiar.

A Festa de Folia de Reis está no centro de todo o contexto da comunidade, principalmente na da Pedra Lisa, que pôde ser acompanhada ao longo deste trabalho. Durante todo o ano a comunidade se prepara para o maior acontecimento da região que atrai pessoas não só de Quirinópolis, mas de diversos municípios vizinhos. A cultura popular e o erudito se aliam dentro dos aspectos da Folia de Reis. O que é tradicional como a reza do terço e o que é popular como a cantoria se entrelaçam em um só ritual.

A experiência da Folia de Reis é vivenciada no cotidiano da comunidade e ela também, em seu cume, torna-se um processo do que é extraordinário, ou seja, muda a ordem em que a comunidade se encontra. Embora de caráter rural a Folia de Reis vem sofrendo adaptações que estão contidas até no entrelaçamento entre o urbano e rural. Na atualidade são realizadas festas tanto na cidade quanto na zona rural e estes dois meios passam por um processo de intercâmbio, já que o rural adentra o espaço do urbano e vice versa.

As preocupações que circundam a Folia de Reis não são em relação às adaptações e mudanças, mas sim quanto à sua permanência uma vez que cada vez mais passa a ser formada por pessoas idosas, havendo até a necessidade de se utilizar os mesmos foliões em Folias diferentes.

Observou-se na pesquisa e, sobretudo, na observação da Folia de Reis da Pedra Lisa, que todos os acontecimentos estão entre o formal (ritual, crenças e devoções) e entre o informal (improvisado e naquilo preparado a partir do cotidiano). A Folia de Reis é uma mística própria, para além de uma simples manifestação religiosa, já que envolve toda uma contextualização de vida.

A pesquisa confirmou que a Folia de Reis é uma representação da cultura popular e, sobretudo, da brasilidade que está incluída dentro de seu contexto.

Embora seja objeto de estudo de muitos pesquisadores apresenta elementos que são singulares e que em sua performance ainda não foram estudados.

É sabido que na maioria das vezes as manifestações culturais imateriais sobrevivem por si só e não precisam da intervenção do Estado por meio de ações de preservação, mas sobrevivem porque estão inseridas no contexto da comunidade. A Folia de Reis de Quirinópolis não é também um caso a parte e tem passado de geração em geração, assim marcando o ritmo da comunidade. Espera-se o ano inteiro para o pagamento das promessas, agradecimento pelo dom recebido, pelas colheitas e tantas outras dádivas e milagres concedidos por Deus e Santos Reis.

A Folia de Reis na região de Quirinópolis acontece como em muitas regiões brasileiras alheia ao Catolicismo Oficial. Percebe-se que em sua maioria os fiéis não distinguem entre os acontecimentos litúrgicos e tem na figura dos Santos Reis o único sentido da Festa. O capitão assume o papel de sacerdote popular com a missão própria e até mesmo uma certa sacralidade e dons próprios de uma pessoa escolhida e separada por Deus.

Apesar de todas as transformações que a Folia de Reis sofreu ao longo dos anos permanece como uma das principais fontes de expressão da cultura quirinopolitana. As Foliadas de Reis dentro de um contexto de modernidade lutam para sobreviver, por isso as suas performances permanecem vivas e presentes numa constante mutação, mas tecendo assim uma enorme teia de significados estando uns revelados e outros ainda escrutados apenas no imaginário popular.

Enfim, a Folia de Reis de Quirinópolis é um lugar de memória, ou seja, nela estão rememoradas gerações e práticas de um povo. Também estão inclusas as performances de uma teia de significados que podem variar de localidade para localidade e, sobretudo, de pessoa para pessoa. Cabe, portanto, ao historiador analisar as manifestações da cultura popular não apenas como tradição ou mesmo folclore, mais analisá-la como produto de um tempo e de um contexto. As transformações em seus ritos e significados assumem características de atualização e sobrevivência em meio à modernidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauro William de. **Folia de Reis: fé e resistência das tradições religiosas populares entranhadas nas ondas do progresso e da modernidade de Uberlândia (1980/97)**. Uberlândia: UFU, 1999. (Monografia de História).

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 34.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Editora Schawarcz, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BURKE, Peter (org.): **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu. Dobrazky. 4.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

CHARTIER, Roger. **"Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n 16, 1995, p. 179-192.

\_\_\_\_\_. **História Cultural, entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo, 2001.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. 2.ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2001.  
DAMIANI, Amélia. *O lugar e a produção do cotidiano*. In: CARLOS, Ana Fani A (org.) **Novos Caminhos da Geografia**. São Paul: Contexto, 1999.

D'ALLÉSSIO, Márcia M. **Memória: leituras de Halbwachs e Nora** In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, n. 25/26, set.92/ago.93, p. 98.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa. O sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1998.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e profano: a essência das religiões**. São Paulo: M. Fontes, 2010.

FUNES, Eurípedes A. **Goiás 1800-1950: Um período de transição da mineração à agropecuária**. Goiânia: Ed. da UFG, 1996.

GIRARD, R. **A Violência e o Sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

ISAMBERT, François André. **Le sens du sacré: fête et religion populaire**. Paris: De Minuit, 1992.

LIGIÉRO, Zeca. **Cultura Afro-brasileira: imagens e Performance**, (Dissertação de Mestrado) Universidade de São Paulo, 1998.

LOZI, Carolina Tomazde Aquino, et al. **As folias de reis e o espaço geográfico da religião**.Uberlândia: UFU, 2003.



NEVES, Francisco Correa. **Árvore genealógica da família Correa (1957)**. Texto mimeografado em Quirinópolis.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: A problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História N° 10. São Paulo: PUC/EDUC, 1993.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro et alii. **A Religião do Povo**. Curitiba: Cadernos Studium Theologicum - Universidade Católica do Paraná, 5.ed, 1976.

PALACÍN, Luís. **O século do ouro em Goiás: 1722 – 1822, estrutura e conjuntura numa capitania de Minas**, 4.ed. Goiânia: Editora UCG, 1994.

PALEARI, Giorgio. **Religiões do povo**. São Paulo: Ave Maria, 1990.

PURGA, Vera Lucia. **Os rituais na Folia de Reis: uma das festas populares brasileiras**. In. *Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH*, Maringá, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Kelps, 2005.

ROSENDAHL, Z. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Z.; 14-CORRÊA, R. L. **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999.

SCHECHNER, 1985. In. **A performance congadeira na missa das sete: notas sobre manifestações de congada na festa de agosto no sertão de Minas Gerais**. Rubens Alves Silva. Rio de Janeiro. 2007.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORRES, J.C. de O. **História das idéias religiosas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo, 1968.

WECKMANN, Luis. **La herencia medieval del Brasil**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura**, São Paulo: Companhia das Letras, 1973.

## DOCUMENTOS

LEÃO, Hélio Campos. **História de Quirinópolis em versos rimados**. In. MUSEU MUNICIPAL DE QUIRINÓPOLIS, 2010.

Livro de Tombo da Igreja Católica Apostólica Romana de Quirinópolis, no.1.

Livro de Tombo da Igreja Católica Apostólica Romana de Quirinópolis, no.2.

Mapa do Município de Quirinópolis - GO – Legenda das Regiões.

MATOS, Georgides de Souza. **Histórico da Cidade: informações gerais de Quirinópolis**. Secretária Municipal de Educação. 2000.

QUIRINÓPOLIS. **Lei nº 633**. 20 de novembro de 1969. Criação da bandeira de Quirinópolis. Câmara Municipal de Quirinópolis.

## FONTES ORAIS

ALMEIDA, T. B. **Teodora Barcelos de Almeida**. Depoimento [jan 2011]: Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2011. 2:30 minuto.

ALVES, N. **Nazareth Alves**. Depoimento [dez.2010]: Entrevistadora: W. S. nogueira. Quirinópolis: 2010. 40 minutos

ANDRADE, V. **Vicensa Andrade**. Depoimento [jun 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 47 minutos.

CAMPOS, L. Lauro campos. Depoimento [dez.2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 2:30 minutos.

CASSIANO, J. José Cassiano. Depoimento [Jan.2011]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 1:30 minutos.

FERREIRA, J. F. Horton José Ferreira, Nego tulica. Depoimento [Nov.2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 40 Minutos.

FERREIRA, M. F, P. Maria de Fátima Passos Ferreira. Depoimento [dez. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 1:30 minuto.

JÚNIOR, J. R. S.. **Pe. Jaso Ribeiro da Silva Junior**. Depoimento [mar. 2007]. Entrevistador: W. L. Andrade. Quirinópolis: 2007. 12 minutos. In: Anais do 1ª Encontro do GT Nacional de História ANPH. 2007.

MATOS, G. S. **Georgides de Souza Matos**. Depoimento [mar. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 15 minutos.

NOGUEIRA, J. L. **José Lázaro Nogueira**. Depoimento [jan. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 45 minutos.

RIBEIRO, A. A. **Alvaro Alves Ribeiro**. Depoimento [dez.2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 1:30 minutos.

SANTOS, F. S. **Francisca Suliano dos Santos**. Depoimento [abril. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 30 minutos.

SILVA, P. B. Paulo Benedito da Silva. Depoimento [Nov.2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis. 39 minutos.

VITINHA. **Maria Aparecida Neves**. Depoimento [jun. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 27 minutos.

VITORINO, S. **Sebastião Vitorino**. Depoimento [jun.2010]. Entrevistadora W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 45 minutos.

VITORINO, W. B. **Waldemar Barcelos Vitorino**. Depoimento [abr. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 45 minutos.